

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE  
CURSO DE PSICOLOGIA

ANDRESSA AURICHIO CREMA

**A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO:**

ESTUDO DE COMO ESSA RELAÇÃO PODE INFLUENCIAR O  
PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO DO ALUNO ADOLESCENTE

SÃO PAULO  
2009

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE  
CURSO DE PSICOLOGIA

ANDRESSA AURICHIO CREMA

**A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO:**  
ESTUDO DE COMO ESSA RELAÇÃO PODE INFLUENCIAR O  
PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO DO ALUNO ADOLESCENTE

Trabalho de conclusão de curso apresentado como exigência  
parcial para graduação no curso de Psicologia, sob orientação  
do Prof. Sergio Wajman

SÃO PAULO  
2009

*“Hoje eu vim, minha nêga, sem saber nada da vida  
Querendo aprender contigo a forma de se viver  
As coisas estão no mundo só que eu preciso aprender”*

(Coisas do Mundo Minha Nêga – Paulinho da Viola)

## **Agradecimentos**

Primeiramente, agradeço ao meu orientador Sergio Wajman pela paciência, dedicação e compromisso. Ele agiu exatamente da forma como acredito que educadores deveriam agir, incentivando-me no que fazia de melhor e orientando-me em minhas dificuldades, sempre valorizando minha produção, a ponto de me motivar e fazer-me tomar gosto em realizar este trabalho.

À Isabel Kahn que representa, para mim, o modelo ideal de profissional de Psicologia. Motivando-me, incentivando e me causando encantamento pela área de Psicologia da Educação.

Às minhas grandes companheiras do núcleo de Psicologia Analítica, Angélica dos Santos Alves, Daniela Shwartz e Vivian Guida pela recente, porém profunda amizade, por dividirem comigo o prazer e o sofrimento que é realizar um TCC, pelas conversas e discussões sobre a Psicologia Analítica, sobre nossos temas, sobre nossas vidas... Por toda a confiança recíproca, e, principalmente, por tornarem meu 5º ano de faculdade mais leve;

À Ligia Damas Martos, pela amizade de 8 anos, por tantas coisas em comum, por todos os momentos divididos, e por me dar a certeza de que é para a vida toda;

À Isabela Ramalho, essencial, entre outras muitas coisas, para meu amadurecimento acadêmico, por valorizar aquilo que eu tenho de melhor, acreditar e me incentivar a confiar em minhas produções, também por ser um modelo a ser seguido;

À Aline Fava Moreno, que não tem ligação com a faculdade, mas sim com a minha alma. Agradeço por termos crescido juntas, amadurecido juntas, e, em tantos anos de amizade, por mais que tenhamos seguido caminhos diferentes e outras pessoas terem entrado em nossas vidas, se faz sempre tão presente e tão especial no meu dia-a-dia;

À Mayra Ary, pela rápida construção de toda uma cumplicidade de forma tão bem sedimentada, tornou-se essencial na minha vida;

Ao Abel Bezerra, por ter me acompanhado em todas as etapas da realização deste trabalho, por saber me incentivar, e por ter se tornado tão presente nos dois últimos anos de faculdade.

Ao meu irmão João Henrique Aurichio Crema, por ser a pessoa que mais admiro. Persistente, doce, inteligente. Pelas conversas, por me mostrar as coisas do mundo. Por ser o responsável pela minha paixão por filmes. É aquela pessoa em quem me baseio, e que me inspira a querer tornar-me cada dia melhor, em todos os âmbitos.

Ao meu pai, João Piva Crema, uma das melhores pessoas que já conheci, assim como um excelente profissional. Espero construir no meu futuro um terço do que ele construiu. Por sua causa me envolvi com a área da educação, e serei eternamente grata por isso.

E, finalmente, minha mãe, Elizabeth Aurichio Crema, por ser tão parecida e tão diferente de mim. Por sempre abrir os braços quando preciso de colo, por me valorizar e me fazer acreditar em toda minha capacidade e caráter.

Andressa Aurichio Crema : A relação professor-aluno: estudo de como essa relação pode influenciar o processo de individuação do aluno adolescente, 2009.

Orientador: Prof. Sergio Wajman.

**Palavras chave:** Processo de Individuação; Relação professor-aluno; Adolescência; Processo ensino-aprendizagem.

## RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo investigar como a relação professor-aluno pode influenciar o jovem adolescente na busca por sua personalidade total, por si mesmo, ou seja, em seu processo de individuação. Para melhor fundamentá-la, foi utilizado o filme *Entre os Muros da Escola*, que teve como recorte a relação entre o professor François Marin e seu aluno Souleymane. Assim, esse recorte foi dividido em oito momentos, tidos como cruciais para remeter ao problema de pesquisa. Utilizando o enfoque teórico da Psicologia Analítica e bibliografias referentes à Psicologia do Desenvolvimento e Psicologia da Educação, foi apreendido pela pesquisa que quando há uma relação dialética e de alteridade entre professores e alunos, a relação entre eles provavelmente auxiliará o processo de individuação do aluno adolescente, porém os métodos escolares ainda seguem uma estrutura rígida e antiquada, em que o professor é visto como detentor supremo do saber, e o aluno é colocado no lugar daquele que não tem o que ensinar, somente deve ser preenchido, distanciando, assim, o conhecimento da realidade dele e, ao invés de auxiliar no processo de individuação do adolescente, a escola se torna apenas uma etapa a ser superada, promovendo ao aluno somente a aquisição de personas, ao invés de fazê-lo entrar em contato com suas potencialidades individuais, conseqüentemente, consigo mesmo.

## Sumário

<b>Introdução.....</b>	<b>8</b>
<b>Método .....</b>	<b>12</b>
<b>Capítulo 1. O Processo de Individuação e a educação.....</b>	<b>14</b>
<b>Capítulo 2. A educação e a instituição escolar.....</b>	<b>21</b>
<b>Capítulo 3: Especificidade da fase adolescente.....</b>	<b>25</b>
3.1. O adolescente, a escola e o professor.....	29
3.2 Professores e alunos .....	34
<b>Capítulo 4. A relação professor-aluno para a Psicologia Analítica .....</b>	<b>40</b>
<b>Capítulo 5: Análise do filme Entre os Muros da Escola.....</b>	<b>50</b>
Momento 1: O autorretrato.....	51
Momento 2 : No laboratório de Informática.....	54
Momento 3: Conselho de classe.....	56
Momento 4: Na sala de aula .....	58
Momento 5: Diálogo X discussão com os alunos .....	62
Momento 6: Conversa com os professores .....	65
Momento 7: Na sala do diretor.....	68
Momento 8: Expulsão do Souleymane .....	69
<b>Capítulo 6. Discussão .....</b>	<b>72</b>
<b>Capítulo 7. Considerações Finais .....</b>	<b>76</b>
<b>Referências Bibliográficas .....</b>	<b>79</b>

## Introdução

O interesse pelo presente tema se deu a partir das aulas de Psicologia Educacional, ministradas no 4º ano do curso de graduação de Psicologia da PUC-SP. Pensando as questões da educação formal na contemporaneidade, e em como a Psicologia pode atuar para favorecer e permitir um novo olhar para a educação, que difira daquele que visa somente disciplina e ordem.

Na cultura ocidental há uma tendência a ressaltar aquilo que falta em detrimento do que já existe. Escancarar os erros, ao invés de valorizar os acertos. É percebida essa mesma forma de direcionar o olhar dentro da instituição escolar, assim como Munhoz (2007) enfatizou:

Vivemos em uma sociedade em que a cultura ocidental é predominante e onde se costuma apontar com mais freqüência o problema e as dificuldades ao invés de valorizar as conquistas e os acertos. Dá-se muita ênfase ao que falta, deixando para segundo plano o que já foi conquistado. Percebo que na instituição escolar a realidade não é diferente. A escola tende a olhar mais para o que é problema, o que falta, o que está errado, importando-se com as lacunas e não com os recursos. (MUNHOZ, 2007:14)

O psicólogo educacional pretende modificar esse hábito da escola ressaltar aquilo que é considerado errado. Para isso tirou o foco do fracasso escolar do aluno, enfatizou a importância do processo ensino-aprendizagem, priorizando a apropriação do conteúdo, pensando não só na sala de aula como um grupo, mas também como um espaço em que muitas individualidades se encontram e levando em consideração as especificidades de cada indivíduo que participa do processo. Ele não foca mais no aluno isoladamente, e sim nas relações existentes no cotidiano escolar e, especialmente, a relação professor-aluno.

Para isso, é necessário analisar quais os padrões e tendências que essa relação segue atualmente, destrinchando suas falhas e repensando-as, a fim

de alcançar uma prática que faça sentido e auxilie o desenvolvimento da personalidade do jovem.

Estabeleço como forma de resistência ao sistema educacional vigente o fracasso escolar; o não acontecimento do processo ensino-aprendizagem; a dificuldade do jovem se apropriar dos conhecimentos transmitidos pelos professores; a dificuldade dos professores organizarem estratégias de ensino adequadas, que consigam desenvolver o interesse do aluno no processo de ensino, não com o intuito de culpabilizar nenhuma das partes envolvidas (escola, alunos, professores, familiares), mas sim de tentar compreender como a relação professor-aluno pode promover não só o sucesso escolar, como também o desenvolvimento da personalidade plena do indivíduo, mesmo quando as outras instâncias da vida do mesmo não facilitam essa promoção. Coloco a indisciplina como uma vertente do fracasso escolar.

A resistência de boa parte da juventude hoje ao ensino predominantemente setorizado, alienado e racional, por senti-lo desinteressante, pode expressar uma função estruturante criativa. Em contrapartida, a resistência de muitos professores à humanização e integração emocional e utilitária do ensino ao dia-a-dia do aluno pode estar expressando uma função estruturante defensiva. (BYINGTON, 1996:60)

Acima Byington fala sobre a questão do modelo de ensino vigente ser um facilitador do fracasso escolar, pois considerando que o momento de ensino é marcado pelo encontro de subjetividades, de inconscientes, o fato de priorizar apenas um dos lados de nossa psique (lado racional, concreto), sem considerar as emoções, a afetividade, estabelece um abismo entre a vivência do aluno e os conteúdos expostos. Dessa forma, acaba não atingindo seu próprio objetivo, que é desenvolver o indivíduo em suas potencialidades.

A sociedade busca cada vez mais o êxito profissional, a competência a qualquer custo e a escola também segue esta concepção. Aqueles que não conseguem responder às exigências da instituição podem sofrer com um problema de aprendizagem. A busca incansável e imediata pela perfeição leva à rotulação daqueles que não se encaixam nos

parâmetros impostos. Assim, torna-se comum o surgimento em todas instituições educativas de “crianças problemáticas”, de “crianças fracassadas”, disléxicas, hiper-ativas, agressivas, etc. Esses problemas tornam-se parte da identidade da criança. Perde-se o sujeito, ele passa a ser sua dificuldade. Desta forma, ao passar pelo portão da escola, a criança assume o papel que lhe foi atribuído e tende a correspondê-lo. Porém, ao conceder este rótulo à criança, não se observa em quais circunstâncias ela apresenta tais dificuldades (ele está assim e não é assim). Isso não é apenas uma diferença terminológica, ela revela uma possibilidade de mudança. (FERNANDES, 2001)

Aquino (1996) nos mostra a questão da influência mútua na relação professor-aluno, ressaltando que é focada mais a influência do professor para o aluno, do que do aluno para o professor: “Parte-se quase sempre do pressuposto de que a influência é mútua, mas pouca atenção é dispensada à influência do aluno sobre a conduta do professor, reiterando uma espécie de mão-única relacional.” (AQUINO, 1996:31)

Portanto, partindo do pressuposto de que o processo ensino-aprendizagem faz parte de uma dinâmica relacional que envolve dois personagens atuantes, professor e aluno, em um processo recíproco e dialético, no qual tanto o aluno aprende com o professor, quanto o professor aprende com o aluno, em uma relação de troca, que pretendo situar minha pesquisa e compreender como a relação professor-aluno pode auxiliar no processo de individuação do adolescente que está inserido nessa dinâmica do cotidiano escolar.

No capítulo 1 explico melhor o conceito da Psicologia Analítica intitulado Processo de Individuação, mostrando como este funciona dentro do sistema educacional atual do jovem e como, idealmente, poderia funcionar.

No capítulo 2 é realizado um apanhado geral da educação nos dias atuais, bem como sobre qual é a dinâmica da instituição escolar.

No capítulo 3 explico as especificidades da fase adolescente e o funcionamento escolar do indivíduo nesta etapa da vida.

No capítulo 4 foco na relação professor-aluno e em como essa relação pode auxiliar o processo de individuação do aluno.

No capítulo 5 descrevo cenas do filme Entre os Muros da Escola, analisando-as a partir de toda a bibliografia consultada. Em seguida realizo

uma discussão acerca da análise, finalizando com uma conclusão com o intuito de explorar o tema de pesquisa.

## Método

Mesmo utilizando a Psicologia Analítica como sustentação teórica para o presente trabalho, meu intuito é contribuir especialmente para a área da Psicologia Educacional. O interesse por este tema surgiu a partir da minha idéia de que investimentos mais assertivos por parte do Estado e dos próprios indivíduos na área da educação pudessem melhorar a qualidade de vida da maior parte dos cidadãos brasileiros.

Não encontrei muitos estudos que fizessem um paralelo entre a Psicologia Analítica e a relação professor-aluno adolescente, então utilizei teóricos da área da Educação, da Psicologia do Desenvolvimento e da Psicologia Analítica, assim como dissertações de mestrado e teses de doutorado que fizessem um paralelo entre a Psicologia Analítica e a educação e entre a Psicologia Analítica e o adolescente.

Inicialmente a idéia era realizar uma pesquisa qualitativa com sujeitos humanos. Porém, visto minha grande paixão cinematográfica, tomei conhecimento do filme *Entre os Muros da Escola*, notando que estava sendo muito bem comentado por quem o assistia. Decidi assisti-lo, percebendo que o filme retratava exatamente todos os aspectos da relação professor-aluno que eu gostaria de considerar no meu Trabalho de Conclusão de Curso, desistindo assim da pesquisa qualitativa empírica, optando pelo tipo de pesquisa teórico, utilizando o filme como ferramenta para alcançar meu problema de pesquisa.

Segundo Lopes, o fenômeno cultural apresenta dimensões que podem ser tratadas mais apropriadamente pela pesquisa qualitativa, entendida como:

(...) aquela que, assentada num modelo dialético de análise, procura identificar as múltiplas facetas de um objeto de pesquisa (...) contrapondo os dados obtidos aos parâmetros mais amplos da sociedade abrangente e analisando-os à luz dos fatores sociais, econômicos, psicológicos, pedagógicos etc. (FRANCO *apud* LOPES, 2000:79)

Após assistir algumas vezes ao filme, escolhi analisar a relação entre o professor François Marin e o aluno Souleymane, personagens da película. Depois de decidido qual recorte utilizaria, transcrevi as cenas que considerei importantes para a análise, dividindo-as em oito momentos:

- Momento 1: O autorretrato
- Momento 2: No laboratório de Informática
- Momento 3: Conselho de Classe
- Momento 4: Na sala de aula
- Momento 5: Diálogo X Discussão com os alunos
- Momento 6: Conversa com os professores
- Momento 7: Na sala do diretor
- Momento 8: Expulsão do Souleymane

Estabeleceram-se, assim, categorias de análise, em que o conteúdo de cada momento foi analisado separadamente e os principais aspectos foram destacados em seguida, na discussão.

Análise de conteúdo é uma técnica de pesquisa cujo objetivo é a busca do sentido ou dos sentidos de um texto... Resumindo: o que está escrito é o ponto de partida, a interpretação é o processo a ser seguido e a contextualização, o pano de fundo que garante relevância. (FRANCO *apud* LOPES, 2000:80)

A partir da análise do filme pretendo compreender qual o sentido e importância da relação professor-aluno para o adolescente, e de que maneiras essa relação pode influenciar o processo de individuação do aluno.

## Capítulo 1. O Processo de Individuação e a educação.

O processo de tornar-se si mesmo (Self) pelo qual todos passam chama-se Individuação. O Self é o arquétipo da totalidade e o centro regulador da psique. É o centro da totalidade, assim como o ego é o centro da consciência. O processo de individuação é um movimento que conduz ao Self, ou seja, o centro da personalidade total.

O processo de individuação não consiste num desenvolvimento linear. É um movimento de circunvolução que conduz a um novo centro psíquico. Jung denominou esse centro self (si mesmo). Quando consciente e inconsciente vem ordenar-se em torno do self, a personalidade completa-se. O self será o centro da personalidade total, como o ego é o centro do campo do consciente. (SILVEIRA, 1997:77)

Escolhi este conceito da teoria Analítica para analisar junto com a relação professor-aluno, pois acredito que a educação, e mais especificamente essa relação, podem facilitar o encontro do indivíduo com o Self, e conseqüentemente, consigo mesmo.

Individuação significa tornar-se um ser único, na medida em que por "individualidade" entendermos nossa singularidade mais íntima, última e incomparável, significando também que nos tornamos o nosso próprio si - mesmo. (JUNG, 2008:60)

Segundo Von Franz (1964) “É um processo no qual é necessário, repetidamente, buscar e encontrar algo ainda não conhecido por ninguém. (VON FRANZ, 1964:164)

Este processo, lento e gradual, acontece ao longo da vida do indivíduo, em que ocorre uma ampliação da personalidade. Assim a personalidade torna-se mais definida e perceptível, não só a si mesmo, como às outras pessoas. Um dos requisitos fundamentais para que este processo ocorra de maneira

fluída é o desprendimento do indivíduo de sua(s) persona(s). A Persona é a maneira de adaptação social, o que nós mesmos e o que os outros pensam que somos.

O homem é um ser individual e coletivo ao mesmo tempo. Porém, devido às exigências, valores e crenças da sociedade, muitas vezes o indivíduo se fixa em uma persona, em um papel social específico e padrão, tornando-se cada vez mais alienado de si - mesmo.

Tudo o que os homens concordam em considerar como geral é coletivo, sendo também coletivo o que todos compreendem, o que existe, o que todos dizem e fazem. Observando com atenção, sempre nos admiramos com o que há de coletivo na nossa assim chamada psicologia individual. É de tal ordem, que o indivíduo pode desaparecer por completo atrás desse aspecto. Entretanto, como a individuação é uma exigência psicológica imprescindível, esta força superior do coletivo permite-nos compreender a atenção especialíssima que devemos prestar à delicada planta da "individualidade", se quisermos evitar que seja totalmente sufocada pelo coletivo. (JUNG, 2008:40)

Pensando na questão da coletividade, existem duas confusões muito freqüentes sobre o processo de individuação que buscarei esclarecer. Não se deve pensar que é um processo que visa à perfeição, mas sim à completude. O indivíduo que busca se individuar busca se completar, e para isso precisa aceitar conviver conscientemente com todas suas tendências opostas (bom/mau, certo/errado, feio/bonito, escuro/claro, etc). Individuação também não é sinônimo de individualismo. O homem não se torna egoísta ao longo desse processo, mas desenvolve e realiza suas potencialidades e particularidades. Também são importantes para esse processo os conteúdos do inconsciente coletivo; visto isso, podemos levantar a hipótese de que o individuado funcionará melhor tanto individualmente, quanto no que concerne à coletividade, pois desenvolverá aquilo que possui de melhor, e uma das finalidades é aplicar essas potencialidades desenvolvidas no coletivo, pois quando a pessoa se diferencia pode enxergar o outro como ele é, retirando as projeções. Assim, podemos levantar a hipótese de que o individuado

desenvolverá melhor sua alteridade e funcionará melhor tanto individualmente quanto na sociedade.

Para Okudaira (1997), as principais etapas do processo são “**despir-se da persona, estar em contato com a sombra e confrontar-se com anima ou animus**. Esses sistemas não acontecem num desenvolvimento linear (...)”. (OKUDAIRA, 1997:22)

A persona é um conceito que compara os papéis sociais que desempenhamos diariamente, com a máscara utilizada pelos atores no passado, pelo teatro grego. Vestimos essa máscara para o convívio coletivo. Em nosso dia – a – dia desempenhamos papéis sociais (professor, aluno, pai, filho, irmão, etc), nos comportamos de acordo com o que é esperado pelo mundo exterior. Caso não consigamos nos despir da persona, o que acontecerá é um alienamento de nós mesmos. Para Jung (2008):

A persona é um obstáculo ao desenvolvimento individual. A dissolução da persona é, portanto, uma condição indispensável da individuação. É impossível também que a individuação se processe mediante uma intenção consciente, pois esta conduz a uma atitude típica que exclui tudo o que não é apropriado a ela. A assimilação dos conteúdos inconscientes leva, pelo contrário, a um estado em que a intencionalidade consciente é excluída e substituída por um processo de desenvolvimento que se nos afigura irracional. Só este processo conduz à individuação; seu produto é a individualidade tal como acima a definimos: única e ao mesmo tempo geral. Enquanto existir a persona, a individualidade é reprimida e se manifesta, no máximo, na escolha das características pessoais, por assim dizer pelo traje do ator. Só com a assimilação do inconsciente a individualidade emerge e se evidencia através daquele fenômeno psicológico de ligação entre o eu e o não-eu; é isto que chamamos de posição, não mais típica mas autêntica posição individual. (JUNG, 2008:159)

Juntamente com o fato do sujeito saber distinguir e reconhecer aquilo que realmente é de sua persona, outra questão fundamental para um efetivo processo de individuação é a integração dos conteúdos inconscientes na consciência. O movimento em direção à totalidade se dá por meio da integração desses conteúdos, assim como integrar os aspectos do Animus

(aspecto masculino da mulher) e da Anima (aspecto feminino do homem), para que ocorra de fato a ampliação e completude do desenvolvimento da personalidade única de cada ser humano.

É importante para a meta da individuação, isto é, da realização do si-mesmo, que o indivíduo aprenda a distinguir entre o que parece ser para si mesmo e o que é para os outros. É igualmente necessário que conscientize seu invisível sistema de relações com o inconsciente, ou seja, com a anima, a fim de poder diferenciar-se dela. No entanto, é impossível que alguém se diferencie de algo que não conheça. No que concerne à questão da persona, é fácil explicar ao indivíduo que ele e seu cargo são duas coisas diferentes. Mas no que se refere à anima, a diferenciação é mais difícil pelo fato desta ser invisível. Em primeiro lugar devemos lembrar-nos do preconceito de que tudo o que vem de dentro brota do fundamento essencial da pessoa. (JUNG, 2008:82)

Não é porque o processo de individuação acontece com todo ser, que ele ocorrerá de forma igualitária. Cada indivíduo é único e singular, portanto a forma como cada um vive esse processo será diferente, assim como a ampliação da personalidade será única e específica para cada um.

O crescimento das pessoas, bem como a transformação, ocorrem em várias situações. Às vezes, seguem certas etapas, outras vezes não. Quando pensamos que mapeamos um caminho de evolução, logo nos damos conta de que isto é impossível. Em pouco tempo, retomamos a consciência de que o desenvolvimento tem um caminho próprio. Segue um curso único para cada um. (PALECKIS, 2002:2)

Como foi dito anteriormente, não existe uma “receita de bolo” para uma pessoa “individuar-se mais facilmente e melhor”, este é um processo natural e único para cada um de nós, ao mesmo tempo em que o sujeito pode influenciá-lo e segui-lo na medida em que começa a possuir consciência de suas questões, desejos, de si e do mundo.

Além disso, é inútil olharmos furtivamente para ver como qualquer outra pessoa vai realizando o seu processo de desenvolvimento porque cada um de nós tem uma maneira particular de auto-realização. Apesar de muitos problemas humanos serem semelhantes eles nunca são perfeitamente idênticos. (VON FRANZ, 1964:164)

A busca da personalidade total acontece ao longo de toda a vida, e é uma tendência de todo ser, como afirmou Silveira (1997), “Todo ser tende a realizar o que existe nele, em germe, a crescer, a completar-se” (SILVEIRA, 1997:77). Porém o Homem, tomando consciência desse desenvolvimento, é capaz de influenciá-lo.

O homem, certamente, é capaz de participar de maneira consciente do seu desenvolvimento. Chega mesmo a sentir que, de tempo em tempo, pode cooperar ativamente com ele, tomando livremente várias decisões. E esta cooperação pertence ao processo de individuação, no seu sentido mais estrito. (VON FRANZ, 1964:162)

Nesse contexto de cooperação entra a relação professor-aluno influenciando o processo de individuação. Se o homem pode manipular seu desenvolvimento a partir da tomada de consciência, o professor pode influenciar o desenvolvimento de seus alunos se tiver clareza de seu papel, e se seu objetivo final for desenvolver o indivíduo em suas potencialidades.

Se, por exemplo, possuo algum dom artístico de que meu ego não está consciente, este talento não se desenvolve e é como se fora inexistente. Só posso trazê-lo à realidade se o meu ego o notar. A totalidade inata, mas escondida, da psique, não é a mesma coisa que uma totalidade plenamente realizada e vivida. (VON FRANZ, 1964:162)

A escola, usando como ferramenta o professor, tem a possibilidade de direcionar seus alunos a uma maior consciência de suas potencialidades,

auxiliando, assim o desenvolvimento da personalidade de cada um, e promovendo vivências mais realizadas e completas.

Antes, é necessário frisar que não existe um indivíduo completamente individuado. O Inconsciente coletivo é tão vasto que se torna impossível seu total conhecimento, porém é importante estabelecer o desenvolvimento pleno de todas as potencialidades individuais como um ideal a ser alcançado, para o processo continuar acontecendo de forma satisfatória ao longo da vida, sem a estagnação da pessoa, mas sim mantendo um movimento de constante busca e transformação.

A escola é uma fase na qual o estudante começa a formar sua individualidade, a descobrir seus potenciais e limitações, não sendo, portanto, inadequado relacionar educação e individuação. (...) A escola é um espaço coletivo, sendo, senão o único, talvez o principal veículo institucional para a difusão da educação coletiva (...). Assim como colabora com a individuação, uma vez que favorece o desligamento do aluno em relação à família, também é fundamental para a formação de uma persona. Ora, a formação da persona é a um só tempo, um fenômeno individualizado (como se o indivíduo selecionasse para si uma “máscara” para afivelar no rosto), e coletivo, quer porque é um processo arquetípico, quer porque as “máscaras” à sua disposição são coletivas. Então, se a escola representa uma etapa importante no processo de individuação (embora talvez não imprescindível), ela não passa disso: uma etapa. Aliás, uma etapa que precisa ser superada, embora necessária. (SAIANI, 2003:78)

Concordo em partes com a citação acima. A escola é uma construção cultural, que expande os horizontes da criança e do jovem, que os insere na sociedade e na cultura, além de fazê-los obter outros tipos de relações além das familiares.

Compreendo que o ensino atualmente, em grande parte das escolas, aparece somente como uma etapa a ser superada, após o vestibular. Porém, defendo a idéia de que não deveria ser só isso. A escola, e particularmente a relação entre o professor e o aluno, se bem construída, pode auxiliar não somente na escolha da persona, mas ir além, como desenvolver as potencialidades de cada indivíduo que compõe a sala de aula, ou seja, promover e auxiliar a busca por uma personalidade individual total.

O processo de individuação na aprendizagem é mediado pela construção do conhecimento, que ocorre na relação professor-aluno-informação. Portanto não podemos deixar de focalizar a natureza dinâmica da construção do conhecimento que permeia o desenvolvimento da criança. (OKUDAIRA, 1997:51)

Se levarmos em consideração que o processo de individuação em partes é inato, mas por outro lado é um processo de tomada de consciência, é possível assim, como já foi dito anteriormente, que o homem colabore com ele. Sendo assim, o professor, como aquele que vai instigar o aluno na aquisição do conhecimento, poderia ter uma relação mais proximal com seus alunos, conhecendo-os em suas individualidades, e investindo no desenvolvimento de suas potencialidades.

De um certo ponto de vista este processo ocorre no homem (como em qualquer outro ser vivo) de maneira espontânea e inconsciente; é um processo através do qual subsiste a sua natureza humana inata. No entanto, em seu sentido estrito o processo de individuação só é real se o indivíduo estiver consciente dele e, conseqüentemente, com ele mantendo viva ligação. (VON FRANZ, 1964:162)

## Capítulo 2. A educação e a instituição escolar

Silveira (1997), explicando sobre o conceito de *Educação Coletiva*, criado por Jung, afirma que a educação visa formar indivíduos úteis para a sociedade, adaptá-los socialmente. Este objetivo pode ser muito perigoso se essa adaptação tornar-se excessiva, transformando-os em robôs padronizados, ao invés de adaptá-los de forma a considerar suas especificidades individuais. Nas palavras da autora:

Esse tipo de educação processa-se de acordo com regras, princípios e métodos. Certamente normas coletivas são necessárias e todos estão de acordo em aceitar que uma das metas da educação será fazer de cada indivíduo um membro útil da sociedade. O perigo da educação coletiva consiste em que a valorização excessiva de regras, princípios e métodos abafe o normal desenvolvimento das individualidades. Em casos extremos formam-se grupos uniformes, cidadãos idealmente obedientes para serem manejados como robôs por ditadores. (SILVEIRA, 1997:154)

Porém, não é possível falar de educação coletiva, desconsiderando a educação individual. Esta é aquela em que o aluno é considerado em sua individualidade, reconhecendo os germes do desenvolvimento de cada um, para que, na idade adulta, o indivíduo possa alcançar a completude, o desenvolvimento de sua personalidade de forma plena. Reconhecer as particularidades de cada aluno é papel da escola e, mais assertivamente, do professor.

O educador precisará encontrar o caminho que o levará a compreender seu aluno. Deverão ser tomados em consideração seus dons especiais e também suas dificuldades em relação a certas matérias (matemática, por exemplo). O tipo psicológico da criança terá de ser aceito, sem que o mestre, imbuído do preconceito de que só os extrovertidos sejam normais, se esforce para obter dos introvertidos um comportamento que para estes é contrário a sua natureza. Pais e mestres estarão atentos para não sufocar os germes

peculiares à personalidade que comecem a repontar na infância e na juventude. (SILVEIRA, 1997:155)

A educação formal tem sido um tema bastante discutido atualmente, devido às dificuldades que ela enfrenta com relação à formação dos sujeitos em membros úteis à sociedade, assim como a deficiência dos métodos de ensino, pois estes acabam sufocando a subjetividade de cada aluno. O que é discutido com freqüência, principalmente com relação à escola pública, é este método de ensino. Além de não formar cidadãos socialmente adaptados, não ocorre o processo ensino-aprendizagem, ocasionando problemas como: falta de professores, alunos na marginalidade, a escola como um espaço penoso, ao invés de propiciadora de criatividade, curiosidade, cultura, informação e desenvolvimento do indivíduo.

Outra questão referente à escola é que esta, ao valorizar a inteligência, se esquece da interferência afetiva na não aprendizagem. O sujeito pode estar em dificuldades de aprendizagem por ter ligado este fato a uma situação de desprazer. Esta situação pode estar ligada a algum acontecimento escolar. Claparède diz que a escola pode provocar na criança conflitos que influenciarão seu gosto pelo aprender. Portanto, buscar soluções para o fracasso escolar não consiste em patologizar o aprendiz, mas em ampliar este foco, abrindo espaço para outras variáveis que também influenciam no processo da aprendizagem como a instituição, o método de ensino, as relações ensinante-aprendente, os aspectos sócio-culturais, a história de vida do sujeito, entre outras. (MEIRA, 2002)

Não podemos deixar de considerar que as crianças e os adolescentes que estão sendo educados pelos atuais métodos educacionais, são os adultos do futuro. Com a precariedade desses métodos, estamos formando adultos despreparados para conviver tanto em sociedade, quanto com suas próprias questões, problemas, individualidades.

Se nossos métodos de educação se mostram tão precários quanto a ajuda que possam trazer ao jovem em relação aos problemas da primeira metade da vida, seremos obrigados a reconhecer que o indivíduo entra na segunda metade da vida inteiramente despreparado para fazer face aos importantes e inevitáveis problemas que vai encontrar. (SILVEIRA, 1997:157)

A escola, por outro lado, é o espaço em que o sujeito amplia seus horizontes sociais, não apenas por conhecer outras pessoas e formar outros vínculos além dos familiares, mas por enxergar a sociedade como um todo, poder se inserir em outros espaços, se envolver com diversas questões, aumentar seu leque de conhecimento geral de si e do mundo.

Se na família a criança conquista suas primeiras condutas em um grupo protegido e ligado pelo afeto, na escola a criança experimenta novas formas de condutas sociais, familiariza-se com novos tipos de relações interindividuais em novos grupos. (THOMÉ, 2001:7)

É o local onde o indivíduo irá conhecer e inserir-se em novos grupos, estabelecer novos tipos de relações, com pessoas diferentes das do grupo familiar, ampliando sua visão de mundo e percebendo-se como um membro social.

O grupo está inserido no meio. Num meio pode haver vários grupos. O meio social exerce um papel importante para o desenvolvimento do indivíduo, principalmente no que concerne à vida afetiva. O meio escolar vai ser, portanto, outro meio funcional fundamental para a criança. Nele, ela toma contato de forma sistematizada com a cultura acumulada e mantém contato com novas formas de relações grupais. (MUNHOZ, 2007:39)

Sargo (2000) afirma que durante muito tempo a sociedade partiu do pressuposto de que a aprendizagem era somente consciente, racional, porém essa forma de ensino tem contribuído para o fracasso escolar, por não integrar aspectos objetivos e subjetivos no processo de ensino-aprendizagem.

Também contribuem para o fracasso escolar a própria instituição educativa que muitas vezes não leva em consideração a visão de mundo do aprendente. As discrepâncias entre o desempenho fora e dentro da escola são significativas. Ou seja, muitas vezes os profissionais da educação não conseguem transpor o conhecimento ensinando para a realidade do aprendente. (MEIRA, 2002)

### Capítulo 3: Especificidade da fase adolescente

A adolescência é uma fase construída culturalmente, bastante significativa em nossa sociedade. É a fase em que o indivíduo inicia sua autonomia, porém ainda não está apto para sobreviver no dia-a-dia sem o suporte familiar.

A adolescência é uma etapa evolutiva peculiar ao ser humano, nela culmina todo o processo maturativo biopsicossocial do indivíduo. Por isto, a adolescência deve ser compreendida pelos seus aspectos indissociáveis: biológicos, psicológicos, sociais e culturais; é o conjunto dessas características que confere a adolescência. (RAMOS, 2002:17)

Para Pereira (2005), a adolescência é uma construção cultural, pois “em algumas sociedades tribais não há o equivalente ao nosso conceito de adolescência” (PEREIRA, 2005:1) e explica o porquê este conceito existe em nossa cultura:

(...) conforme se tornaram mais complexas, as sociedades modernas industrializadas foram criando um intervalo de aprendizagem entre a maturidade biológica e a maturidade social, com um conseqüente retardamento na tomada das responsabilidades adultas, intervalo que veio a constituir a adolescência tal como a conhecemos. Neste sentido, os acontecimentos psicológicos da adolescência não são necessariamente, em nossa sociedade, apenas um correlato natural das mudanças físicas da puberdade, mas também uma construção cultural, produto da complexidade das mudanças sociais. (PEREIRA, 2005:2)

A palavra **adolescência**, para Pereira (2005) “deriva do substantivo latino *adollacentia*, que significa 'crescer' ou 'crescer em direção à maturidade’” (PEREIRA, 2005:1). Este período encontra-se posterior à infância, e anterior à idade adulta. É definido como um período transicional em que diversas

mudanças físicas, psicológicas e intelectuais ocorrem, iniciando com a puberdade. Essa, por sua vez, segundo o autor, caracteriza-se por um “período de rápido crescimento físico e mudanças fisiológicas que levam à maturidade sexual”. (PEREIRA, 2005:1)

Tarefa difícil é definir o início da adolescência, sendo que esta tem características bastante peculiares conforme o ambiente sócio-cultural do indivíduo. Nem sempre o início da adolescência coincide com o da puberdade; tanto pode precedê-la como sucedê-la, visto que a puberdade tem evidências físicas bem definidas, e o mesmo não ocorre com a adolescência que envolve fatores psicológicos e sociológicos. Em termos médicos, a puberdade inicia-se entre 12 e 15 anos onde há o amadurecimento das células germinativas masculinas e femininas, possibilitando o surgimento de dois eventos que marcam o advento da puberdade: a menarca ou primeira menstruação na menina e a primeira ejaculação no menino. (RAMOS, 2002:17)

Outra tarefa difícil é definir o término da adolescência. Não existe uma idade definida a priori para o término dessa fase. Independência financeira em relação aos pais e finalização dos estudos são critérios que caracterizam o término da adolescência. No Brasil esses critérios têm sido conquistados cada vez mais tardiamente.

A questão crucial do adolescer é a indefinição de papel, pois o adolescente não é mais criança, tampouco adulto, acarretando confusão psicológica e, muitas vezes, sensação de não pertencimento.

O adolescente pode pertencer a diferentes grupos e, portanto, assumir diferentes papéis. Seu universo não é mais somente a família e a escola. Agora, frequenta diferentes meios. (...) Os novos grupos e novos papéis que o adolescente está experimentando servem para a formação de sua personalidade, para tomar consciência de si (inclusive os grupos em que há uma vinculação negativa). (THOMÉ, 2001:62)

Há considerável diferença entre a infância e a adolescência, pois a criança enxerga o mundo através da visão parental, já o jovem começa a

enxergar a realidade com sua própria forma de visualizá-la. O Eu e o Outro estão diferenciados, e isto acarreta mudanças psicológicas consideráveis no indivíduo.

(...) podemos constatar que o adolescente vive um processo de transformação, ele está em busca de um si mesmo (self), tentando ter uma certa “autonomia”, principalmente no que se refere ao núcleo familiar. A situação mutável que significa a adolescência obriga a reestruturações externas e internas que são vividas dentro do equilíbrio conquistado na infância e que obrigam o adolescente, no processo de conquistar sua identidade, a tentar refugiar-se em seu passado enquanto tenta também se projetar no futuro. (...) o adolescente sofre com toda essa suposta despersonalização. Há um constante luto sendo vivenciado e elaborado; o adolescente não é mais uma criança e, não se tornou um adulto. Nesta fase, ele vive momentos dolorosos, prazerosos, afetivos, uma busca incessante de saber qual a identidade adulta que vai constituir, tudo isso gera muita insegurança e angústia caracterizando-se então a Síndrome Normal da Adolescência. (RAMOS, 2002:18)

O adolescente, saindo da fase infantil, amplia sua visão sobre o mundo e suas relações sociais, anteriormente restringidos somente ao círculo familiar, agora começa a se relacionar, se identificar e ser influenciado por outros adolescentes e adultos.

(...) constitui o momento em que o indivíduo precisa realizar a síntese entre a experiência da primeira infância, onde a dinâmica é matriarcal e o período que vai até a adolescência em que prevalece o dinamismo patriarcal; nesta fase os arquétipos parentais exercem o domínio sobre a psique, pois o mundo em que a criança nasce e se desenvolve durante o primeiro ano de vida é protegido e dominado pela figura materna e, na medida em que ela vai crescendo e se desenvolvendo de forma cada vez mais discriminada, separa-se desta realidade inconsciente através da consciência do mundo, do seu próprio corpo e do outro, delimitando cada vez mais seu território. Constela-se então o arquétipo do herói, sendo este fundamental para a iniciação de qualquer nova transformação, fortalecendo o ego e diferenciando-o da totalidade da psique, para que o adolescente enfrente as buscas e descobertas que irão surgir de tantas façanhas. (RAMOS, 2002:3)

Percebe-se, a partir da tomada de consciência acerca de si, de outras relações e do mundo, inserido em múltiplos contextos, como família, escola, mídia, organizações religiosas, etc. que, para o jovem, essas diversas fontes influenciam sua vida e suas escolhas de forma mais direta do que na infância. O grupo torna-se especialmente importante nesta fase, principalmente pelo fato do outro servir como espelho, a opinião de terceiros é essencial nesse período.

(...) a opinião do outro torna-se elemento fundamental para a interação. O grupo tem um papel regulador que funciona como um espelho refletindo as características comuns e aumentando a segurança. Ao mesmo tempo evidencia as diferenças e as particularidades que contribuirão para o auto-conhecimento e para a formação da identidade. (PEREIRA, 2005:42)

Na adolescência o indivíduo começa a formar opiniões acerca das questões que o circundam. Seus valores, crenças, desejos e sonhos passam a tomar forma nessa fase. O jovem consegue avaliar si mesmo, o mundo ao seu redor, e projetar-se para o futuro, pensando em como deseja que sua vida seja, que papel quer ter profissionalmente, e o que fazer para alcançar seus objetivos em curto e longo prazos.

O adolescente pode imaginar famílias, religiões e sociedade ideais, com as quais compara as famílias, religiões e sociedades imperfeitas de sua experiência. Ele se torna capaz de construir, ou adotar, teorias e filosofias que constituirão um todo harmônico de todos os aspectos conflitantes da sociedade. O adolescente é também um idealista impaciente que acredita ser tão fácil realizar um ideal como é imaginá-lo. (PEREIRA, 2005:75)

Uma das características mais consideráveis da adolescência é a busca da identidade, e essa se dá através da experimentação de diversas personas. Segundo Pereira (2005) é importante que "(...) o jovem tenha acesso ao maior

número possível de possibilidades de escolha de papéis que ele acabará por desempenhar” (PEREIRA, 2005:86).

Os adolescentes buscam ativamente a autonomia, a independência e um senso de controle de suas próprias vidas, defendendo tudo aquilo que lhes pertence, incluindo sua maneira de pensar. É uma época de definição da personalidade, na qual o modelo de perfeição dos pais é desconstruído. Nesse processo, o idealismo infantil dirigido aos pais vai se diluindo e estes deixam de ser pessoas perfeitas para serem aceitos como seres humanos com defeitos e qualidades. (PEREIRA, 2005:95)

Nesse período de busca da identidade, a aprovação do outro se faz extremamente importante para o jovem sentir-se confiante e acreditar em si mesmo (naquilo que produz, em suas habilidades e potencialidades), avaliando seu próprio valor a partir da opinião do outro, principalmente de seus companheiros da própria idade. Por isso a importância do grupo para o adolescente.

No estágio da Puberdade e Adolescência em que ocorre uma reorganização da criança, o Outro tem um papel ainda mais acentuado, ele será como um complemento inseparável do Eu. Nesse período, o Outro terá uma participação ainda maior, pois será por ele que o Eu tomará consciência de seus limites e possibilidades. (...) O Outro tem papel de oposição também no personalismo. A diferença é que, na puberdade e adolescência, a oposição é pelo que o Outro representa, como valores, regras, leis, normas, controles, que são questionados na busca de criar seus próprios valores. (THOMÉ, 2001:18)

### **3.1. O adolescente, a escola e o professor.**

Como visto anteriormente, a adolescência é o período em que os jovens estabelecem relações com outras pessoas além do grupo familiar, formam grupos com os quais se identificam, estão em busca pela própria personalidade, experimentando assim diversas personas, até encontrar aquela

que realmente faz algum sentido para ele. É a fase em que valores tradicionais são objetados, o adolescente busca seus próprios valores. Seus sonhos e responsabilidades serão definidos a partir do que ele quer e acredita, e a autonomia será estabelecida.

À entrada neste dinamismo, mais do que nos outros dinamismos, é ativado o arquétipo do herói. Os jovens ampliam suas relações com seus pares de iguais, seus companheiros e companheiras. Unem-se para fazer esta árdua travessia. É a época da formação das turmas, dos grupos, dos bandos, adotando performances específicas em cada um deles, desde o grupo dos “mauricinhos” e das “patricinhas”, até os “heavy metals”, “skin heads” e outros. Vão afastando-se da identificação com os pais buscando identificar-se com os pares de iguais. Esse comportamento leva-os a realizar o necessário desligamento do casal parental para que se tornem Si mesmos. No início da vida adulta, voltam a se aproximar dos pais, mas com suas identidades já estruturadas. Seus comportamentos com eles ou com as pessoas que possam representar a autoridade, como os professores, são de confronto. É importante que estejam preparadas para este enfrentamento, pois, na verdade, esses jovens estão exercitando o poder intelectual, estão checando os valores dos padrões parentais, vividos nos arquétipos anteriores, para poderem desligar, elaborar e construir os seus próprios valores e, conseqüentemente, amadurecer. (SARGO e MOREIRA *apud* SARGO, 2000:49)

O jovem, nesta fase, possui consciência de si, dos outros e do mundo. A escola torna-se uma ferramenta essencial para expandir a consciência deste, favorecendo o desligamento do jovem do casal parental, apresentando a ele oportunidades de relações com outras pessoas (pares e professores), transmitindo os saberes acumulados de nossa cultura, e investindo no vínculo que o aluno adquire com as outras figuras de autoridade.

(...) a escola é colocada também como um local de aprendizagem da afetividade, cuja necessidade se torna preponderante na adolescência. A relação do aluno-adolescente com o mundo se transforma, e o professor e a escola são fundamentais nesse período. (THOMÉ, 2001:23)

O ambiente escolar é o local em que o adolescente irá encontrar seus semelhantes, e se relacionar com outros adultos, além dos pais. O adolescente encontra-se em uma fase de busca da identidade, experimentando assim diversos papéis, descobrindo aquilo que gosta, definindo suas crenças e valores. É uma etapa fundamental para o processo de individuação do indivíduo.

O processo de individuação consiste em diferenciar-se não apenas do inconsciente coletivo, mas também da consciência coletiva, ou seja, das adesões e submissões inconscientes aos valores e às normas sociais, familiares e culturais. Esse último processo é crucial na adolescência. Na infância a escola desempenha um papel fundamental no processo de individuação da criança ao facilitar sua separação da família e estimular a criação de novos vínculos, a atividade simbólica e o acesso a novas fontes de conhecimento. (MIGLIORINO, 2008:36)

Um adulto que pode auxiliar o jovem nesse processo de descoberta é o professor. Porém, o professor precisa estar preparado para uma característica muito comum da adolescência: o enfrentamento. O adolescente confronta-se com figuras que representam autoridade, e isto é necessário para seu processo de busca e descoberta de si mesmo, pois a partir do confronto é que o jovem irá estabelecer seus valores, crenças, características particulares e começar a ver-se como um sujeito único.

Ao saber de sua importância no desenvolvimento da pessoa do aluno, de como a relação mantida com ele interfere na aprendizagem, o professor pode tornar a sua prática mais assertiva e menos conflituosa, pois conhece os processos que ocorrem e como agir frente a eles. A afetividade positiva do professor para o aluno serve para auxiliar na aprendizagem do aluno. (THOMÉ, 2001:69)

A importância da relação professor-aluno nessa fase é bastante considerável, pois o professor será visto pelo aluno não somente como uma figura de autoridade, como também um modelo a ser seguido. Eles podem

servir de inspiração e de visão de futuro para os jovens. Se o professor tiver a perspicácia de perceber sua importância para o desenvolvimento do aluno adolescente, poderá auxiliar a busca da individualidade deste jovem e, conseqüentemente, seu processo de individuação, levando em conta que, para Jung, a principal forma de educação é pelo exemplo.

Considerando que a estruturação da identidade é um processo contínuo de construção e reconstrução, do nascimento até as fases finais da existência individual, e deriva das relações do sujeito em quaisquer lugares em que se realizem – na família, na escola, no trabalho e nos demais meios e setores da vida social – (Gomes 1996), supõe-se que a qualidade dessas relações deva influenciar as características dessas identidades. Nessa medida, identidades solidamente construídas permitirão ao sujeito uma inserção, também sólida, nos vários setores da vida social. (SARGO, 2000:26)

Quando a relação entre professores e alunos é positiva, o aluno sente-se mais confiante para expor suas dúvidas, opiniões, sugestões, dificuldades, e o professor, assim, passa a conhecer e compreender cada aluno como um sujeito único e específico. Conhecendo cada aluno, o professor acaba por possuir ferramentas mais assertivas na hora de motivar, auxiliar, e engajar o aluno em seu processo educacional. Segundo Thomé (2001) “Ao se interessar pelo aluno, o professor está disposto a conhecer o que ele valoriza, aquilo de que gosta para motivá-lo com temas que lhe despertam a curiosidade.” (THOMÉ, 2001:39)

Na adolescência, o aluno passa a não ter mais medo, quando lhe é permitido argumentar. Não se perde e adquire confiança para se posicionar. Cria-se um vínculo afetivo entre eles, a partir dos recursos utilizados pelo professor como ouvir o aluno, interessar-se por ele. (THOMÉ, 2001:61)

Quando o aluno adolescente não é valorizado, nem compreendido em suas especificidades, sente-se impotente e desinteressado pelo estudo, ocasionando assim a passividade em sala de aula e a indisciplina.

O jovem precisa receber atenção, ser ouvido, respeitado e valorizado, para poder desenvolver uma personalidade autônoma. Para que isso ocorra, é necessário que limites e sanções sejam estabelecidos de forma clara, com o jovem participando ativamente de sua discussão e elaboração. Essas discussões permitem atender à necessidade que ele tem de se posicionar em relação às diferentes situações, a favor ou contra os problemas apresentados que podem ser de ordem política, religiosa, moral ou social. O que importa ao jovem é marcar sua participação com um toque de personalidade. (WALLON *apud* MUNHOZ, 2007:42)

É papel do educador fazer com que o aluno permita-se exprimir opiniões e participar das decisões em sala de aula. Faz parte de seu papel, também, mediar e promover um bom relacionamento entre alunos-alunos, alunos-professor.

Para que o processo ensino-aprendizagem ocorra é necessário que o conteúdo ensinado esteja de acordo com o período pelo qual o adolescente está passando, assim como adequar este conteúdo às vivências do jovem, e enxergar o aluno em sua individualidade. Somente conhecendo cada aluno, para auxiliá-los em seu desenvolvimento, investir em suas potencialidades, incentivar a busca pela personalidade, promover a autonomia e permitir que haja, de fato, o encontro de diferentes subjetividades, que a relação professor-aluno terá influência assertiva no processo de individuação do jovem.

Não é de estranhar que muitos adolescentes não tenham a menor motivação para estudar, porque seu foco de interesse vital não tem relação com o conteúdo do ensino. O ensino humanizado tem que ser centralizado no que está acontecendo com a personalidade dos alunos. É o processo existencial individual inserido no social que deve ser a coluna vertebral do ensino e não o saber especializado, setorizado e separado da sua instrumentalização existencial. (BYINGTON, 1996:225)

Além da dissociação entre o conteúdo transmitido e a realidade dos alunos desmotivarem os mesmos no que tange à rotina escolar, o aluno acaba por decorar, e logo em seguida (após as avaliações formais) esquecer aquilo

que memorizou, pois não encontra um sentido no que aprende, muito menos sua consciência é transformada. Se os novos símbolos (conteúdos) não afetarem existencialmente o indivíduo, não ocorrem novas sínteses a partir do conhecimento anterior, não favorecendo, assim, a ampliação da consciência do aluno, e sem essa ampliação de consciência o processo de individuação encontra-se estagnado. Como explica Byington abaixo:

No desenvolvimento da personalidade, o processo de elaboração simbólica é aquele que, através dos arquétipos, coordena a energia dos símbolos e funções estruturantes para a formação e transformação da identidade do Eu e do Outro na consciência e na Sombra, seja ela normal ou patológica. A noção de transformação da consciência, durante o aprendizado, nos mostra que, frequentemente, o novo interatua com o velho originando novas sínteses, isto é, novos estados de consciência. (...) quando não há indiscriminação na consciência é sinal que os novos símbolos abordados não afetaram existencialmente a relação Eu-Outro. Neste caso, os novos símbolos provavelmente foram memorizados exclusivamente como Outros, o que não nos enraíza no Ser e os deixa presa fácil do esquecimento. (BYINGTON, 1996:65)

O adolescente também precisa que a escola proporcione um espaço de visão de futuro, pois o jovem está em uma fase em que não há uma apropriação de todas as responsabilidades de um adulto, assim como não existe mais todo aquele cuidado destinado à criança. Portanto, a escola precisa ser referência para o aluno ver sentido em sua atual situação, e como esta irá direcioná-lo para o amadurecimento, crescimento, mercado de trabalho, e independência.

### **3.2 Professores e alunos**

O professor possui papel central e crucial nessa desvinculação da criança em relação ao círculo familiar e, a partir disso, na busca do indivíduo por seu lugar na sociedade, pelo alcance de seus ideais e pela formação da identidade. Muitas vezes aquelas atitudes adolescentes que podem ser tidas

como rebeldes, fazem parte de seu desenvolvimento e busca por sua forma de existir no mundo.

Para Jung, segundo Saiani (1999)

De acordo com a verdadeira finalidade da escola, o mais importante não é abarrotar de conhecimentos, mas sim contribuir para que elas se tornem adultos de verdade. O que importa não é o grau de saber com que a criança termina a escola, mas se a escola conseguiu libertar ou não o jovem ser humano de sua identidade com a família e torná-lo consciente de si próprio. Sem essa consciência de si mesmo, a pessoa jamais saberá o que deseja de verdade e continuará sempre na dependência da família e apenas procurará imitar os outros, experimentando o sentimento de estar sendo desconhecida e oprimida pelos outros. (JUNG *apud* SAIANI, 1999:26)

O professor é o adulto que irá auxiliar o adolescente no processo de busca pela identidade e, na escola, o adolescente experimentará uma nova forma de relação com o adulto. Essa relação professor-aluno tem a meta de desenvolver o indivíduo, em todos os seus âmbitos: motor, afetivo, social, e cognitivo.

O adolescente busca a independência pela oposição. Precisa se opor em um primeiro momento para poder depois assimilar o que lhe é estranho. Nesse período, está deixando uma vida de total dependência, principalmente dos pais, para uma vida mais autônoma. Esse estágio é também marcado pela busca de seus ideais e de sua identidade. A família não é mais a única referência, ele quer buscar outras referências. Surgem aqui os ídolos, tão marcantes nesse período. O Outro continua a ser fundamental na formação do adolescente, agora como alvo de oposição. (WALLON *apud* THOMÉ, 2001:13)

O Outro possui papel central para o processo de busca de Identidade do adolescente. O aluno se identifica com o professor, que também é este Outro, e que muitas vezes torna-se um modelo para o mesmo. Sendo assim, a relação professor-aluno é de grande responsabilidade, podendo proporcionar

um desenvolvimento satisfatório do aluno, não somente como sucesso escolar, mas também em seu processo de amadurecimento da personalidade.

O processo ensino-aprendizagem, que ocorre intencionalmente na escola, somente pode ser analisado como uma unidade que se constitui na relação professor-aluno. Para que ambos atinjam os seus objetivos, faz-se necessário que os dois pólos satisfaçam as suas necessidades. Para que o professor atinja os seus objetivos, ele deve confiar na capacidade de seu aluno para que este aprenda a entender que as emoções e os sentimentos podem variar de intensidade em função dos contextos, mas que estão presentes em todos os momentos da vida, interferindo de alguma maneira em suas atividades. (MUNHOZ, 2007:40)

Para Saiani (1999), o professor é responsável pelo ambiente em que o processo ensino-aprendizagem acontece. É necessário que haja um ambiente emocional adequado, que só pode ser assim se existir um bom relacionamento entre professor e aluno. Esse bom relacionamento é, em grande parte, propiciado pelo professor, este tem o papel de acolher seus alunos, reconhecendo, trabalhando e legitimando interesses e sentimentos, porém, o professor lida com três importantes variáveis que atravessam sua profissão: aquelas provindas do professor; as ligadas ao aluno, e as relacionadas ao ensino. Para que uma atmosfera favorável ao processo da educação formal aconteça, o contexto social precisa proporcionar ferramentas para tal, como escreve o autor:

Se a “atmosfera” é fundamental para que ocorra a aprendizagem, entendida não apenas como acúmulo de conhecimentos, mas como crescimento pessoal do educando, não podemos imputar a carência dessa atmosfera somente ao professor, posto que cada vez mais o ambiente em que vive o aluno fora da sala de aula conspira contra ele. Ele luta contra forças tremendas e com pouquíssimas armas. Tais forças são as forças regressivas da psique, quer na forma de uma excessiva ligação à família, quer no caso de uma ameaçadora barbárie que chega a depredar escolas, como no caso exemplar de nossa maltratada escola pública. Nessas condições, chega a ser um milagre que ocorra a aprendizagem. (SAIANI, 1999:117)

Por muitos anos a escola tem sido vista como uma instituição que as crianças e adolescentes freqüentam para aprender determinados conteúdos a partir daqueles que detêm saberes específicos e profundos sobre. O lugar discente é visto como de ignorância, uma folha em branco a ser preenchida, e quem possui a responsabilidade e detém a técnica para o preenchimento é o professor. As histórias de vida dos alunos, individualidades e conhecimentos não são valorizados, tornando o ambiente de ensino entediante e desprovido de sentido para eles. A forma como os conteúdos são passados está a serviço de manter a normatização e a disciplinarização, disseminar certas normas e comportamentos que são valorizados pelo sistema vigente.

A intervenção pedagógica buscaria desenvolver no aluno a assimilação de certas normas, conhecimentos e comportamentos definidos aprioristicamente. Da parte do professor, este deveria ser aquele que supostamente possui um domínio estável de determinado campo do conhecimento, bem como o domínio da transmissibilidade deste conhecimento. Nesse sentido, existiriam nítidas marcas de homogeneização e assujeitamento no âmbito pedagógico: uma tentativa de produção de indivíduos em série, segundo os moldes culturais já dados e sua pontualidade histórica. (AQUINO, 1996:34)

Professor e aluno são papéis compreendidos pela cultura brasileira como opostos. De um lado há o professor, visto como aquele que possui o saber, portanto o poder dentro da sala de aula. De outro se encontra o aluno, considerado vazio, possui a função única e simples de absorver todo o conteúdo passado expositivamente pelo professor. Entretanto, ambos os indivíduos possuem saberes, vivências, interesses e expectativas individuais; sendo assim, conforme a relação vai se estabelecendo, esses conteúdos individuais vão emergindo, desestabilizando a ordem, e gerando o confronto, tão habitual no contexto escolar. Aquino (1996) embasa essa afirmação: “A figura do professor é reconhecida como aquela que imprime o compasso e as fronteiras da ação discente. O trabalho do aluno, por sua vez, implica a

acomodação das demandas docentes, equilibrando-as com as suas próprias.”  
(AQUINO, 1996:109)

Na visão do psicólogo educacional, o educador é considerado figura central nesse processo, pois ele como modelo, aquele que possui o saber técnico a ser passado, detém as ferramentas para propiciar uma atmosfera favorável à aprendizagem e ao desenvolvimento integral do aluno.

A relação entre professor e aluno é um exemplo de encontro de duas realidades diferentes, em que o aluno modifica suas idéias na relação tanto com conteúdos novos como com a pessoa do professor. Ao ouvir o aluno, o professor também se modifica. Conseqüentemente, o aluno tem a possibilidade de se perceber como indivíduo único e ser respeitado por isso, no momento em que está aprendendo.  
(THOMÉ, 2001:37)

A indisciplina e o fracasso escolar são dois fenômenos que estão obtendo destaque dentro da educação. Há grande preocupação por parte de educadores e estudiosos em entender e achar formas de diminuir a ocorrência desses fenômenos. Ratier (2008), citando entrevista do filósofo Casassus em artigo publicado pela revista Nova Escola, acredita na indisciplina como consequência da falta de formas de ensinar que motivem o aluno a aprender:

Acredito que, quando a turma aprende coisas motivantes, o problema da indisciplina desaparece, já que muitas vezes ela é consequência do tédio produzido por aulas pouco interessantes. Se o conhecimento é significativo para a criança, ela deseja aprender. Por outro lado, se não há interesse na matéria, vai haver bagunça na classe. Para combater esse comportamento e também a violência, não adianta criar mais punições. É preciso ver quais necessidades de acolhimento e quais emoções a escola ainda não conseguiu compreender. (CASASSUS *apud* RATIER, 2008:30)

O modelo de escola e forma de transmitir conhecimento é, ainda, pautado pela normatização e controle dos alunos. O professor é considerado o

único que detém o saber, e o aluno é uma “página vazia” prestes a adquirir conhecimento e absorver conteúdos passivamente.

Porém, essa forma de aprendizagem mostra-se desprovida de sentido para o aluno, que acaba por não compreender e não se interessar por aquilo que é ensinado; ao mesmo tempo, segundo pesquisa de Aquino (1996), o próprio aluno se torna adepto da postura normatizadora, crendo que o bom professor possui controle sobre a sala, e também que as atitudes discentes, a forma como agem em sala de aula, são controladoras das atitudes docentes, gerando um confronto na relação. O jovem encontra-se em um período em que desafia constantemente o adulto, em busca de sua própria identidade. Essa forma de ensino está há anos tão arraigada em nossa cultura, que muitas vezes, por mais desinteressante e desprovida de sentido que seja, nem os próprios alunos, vítimas diretas dessa dinâmica, conseguem enxergar formas diferentes de se promover o ensino, muito por não conhecerem outras formas, ou por não possuir um espaço para refletir, criticar e tentar modificar as práticas atuais.

Um último e importante aspecto condensa os elementos de poder, domínio e autoridade imbricados na prática pedagógica. Em vez de se legitimar a desigualdade dos lugares instituídos, em virtude de uma suposta exclusividade do papel docente, buscar-se-ia a supressão da soberania do professor como detentor único do saber. A rigor, o professor seria tão-somente um dos pólos da relação e sua função precípua, a de mediar um outro discurso já constituído. O saber, então, lhe seria propriedade transicional, e seu lugar, inexoravelmente vazio. (AQUINO, 1996:43)

## **Capítulo 4. A relação professor-aluno para a Psicologia Analítica**

Para Teixeira (2008), a grande contribuição que Jung deu à educação é o valor que atribui aos processos de simbolização do homem:

Perceber e criar por meio de símbolos são os modos básicos pelos quais o homem organiza suas experiências e ações. Os processos de simbolização permitem ao ser humano assumir sua humanidade, tomar consciência da condição própria aos seres vivos, ou seja, de seu destino mortal. (TEIXEIRA, 2008:19)

E continua, dizendo que a educação é um permanente processo de adaptação e transformação do mundo, de autoconhecimento e conhecimento do outro, que garante a sobrevivência da espécie, geradora de cultura e civilização.

Como já foi descrito, o professor tem um papel importante para o processo de adaptação do adolescente ao mundo, e transformação deste, pois, além de passar os conteúdos necessários para que o aluno seja inserido socialmente, é um dos primeiros adultos com quem o indivíduo se relaciona fora do círculo familiar; sendo assim, também serve como modelo para este, ou seja, a relação professor – aluno objetiva promover o desenvolvimento das potencialidades do adolescente.

Em artigo publicado pela revista Nova Escola, Ratier (2008) cita o filósofo Juan Casassus, que afirma:

Para transmitir o gosto pelo conhecimento, um professor precisa dominar os conteúdos de sua disciplina – e também saber acolher as turmas, identificando e trabalhando interesses e sentimentos. (CASASSUS *apud* RATIER, 2008:28)

Segundo o filósofo, citado por Ratier (2008), o problema da indisciplina desaparece quando são ensinados conteúdos que interessem ao aluno, pois a indisciplina é consequência do tédio que as matérias, passadas na forma expositiva, provocam. A mudança está não no “que” ensinar, mas na forma de ensinar. O papel do professor, para Juan Casassus, é reconhecer a sua disciplina e as emoções dos alunos, a fim de encontrar soluções inéditas e criativas, ao invés de ensinar sempre do mesmo jeito.

Outro aspecto levantado em pesquisa de Aquino (1996) - que utilizou entrevistas com alunos - foi o interesse do professor para com o aluno. Quando o professor permite ao adolescente se expressar em sala de aula, motiva-o a refletir sobre questões e emitir suas opiniões. Valorizando – as, acaba por gerar um interesse no aluno pela aula.

Quando o professor se preocupa em ouvir o que o aluno tem a dizer, ele faz com que o aluno se sinta valorizado e estimado. Essa atenção propicia a recíproca: a valorização e a estima em relação ao professor. (THOMÉ, 2001:37)

Segundo Thomé (2001), é na escola que o aluno – adolescente aprende a afetividade, a estabelecer relações afetivas com outros que não estão inclusos no círculo familiar. A partir disso verifica-se que uma relação professor – aluno positiva estimula o jovem a expor suas idéias e suas dúvidas, sem se sentir acuado, e o professor que reconhece as especificidades de cada aluno, consegue ajudá-lo a sanar suas dúvidas, elaborar suas opiniões, conseguindo despertar no jovem o interesse em adquirir conhecimento. Um professor que não consegue estabelecer essa relação desmotiva os alunos, tornando o processo de aprendizagem entediante e desprovido de sentido.

Um professor que não consegue manter uma relação positiva não faz com que os alunos se sintam motivados e capazes. A autoridade de um professor é construída pelo respeito mútuo (do professor para com o aluno e do aluno para com o professor). Quando não há esse tipo de troca, a

vinculação afetiva com o professor fica mais difícil e desestimulante para o aluno. (THOMÉ, 2001:44)

Por mais que a relação professor-aluno seja dialética, o professor tem papel crucial em proporcionar um ambiente adequado para que essa relação possa sedimentar-se, então cabe a ele tomar iniciativa para que isso seja estabelecido. Conseguindo estabelecer o ambiente propício para que se dê o processo ensino-aprendizagem, uma nova relação com o conhecimento irá emergir, em que o professor transforma o aluno e é transformado por ele, auxiliando, assim, o desenvolvimento de potencialidades individuais e do pensamento crítico acerca de si mesmo e das questões referentes ao mundo externo.

(...) o aprender crítico não é algo que se dê espontaneamente, naturalmente. É necessário um constante exame daquilo que se aprende, dos caminhos que conduziram àquela aprendizagem, das perguntas que nortearam a busca daquele novo conhecimento. É, mais uma vez, a tentativa de se superar um estado de alienação e de um saber alienado, portanto. (...) Esse aprender crítico se dá na relação entre os seres humanos, na constante e permanente troca, onde todos se educam e são educados (...). É o diálogo, e não a mera transmissão de conhecimentos e informações, que vai permitir que os homens construam o conhecimento, partindo do saber que tenham acumulado em suas vidas e **através de um constante ato de reflexão sobre esse saber, seus significados e implicações**, possam transformar em epistemológica uma curiosidade que nasceu espontânea produzindo, assim, saber consciente e crítico a respeito de si mesmos e do mundo. (WAJMAN, 2003:38)

Para que o professor consiga propiciar um ambiente que seja positivo ao processo ensino-aprendizagem, fomentando uma relação com o saber mais crítica, é necessário que o arquétipo do mestre-aprendiz, existente tanto no professor, quanto no aluno, esteja constelado. Seguindo a teoria Junguiana sobre Arquétipos, que desenvolve a noção de que são possibilidades herdadas, presentes no inconsciente coletivo, Silveira (1997) explica este conceito:

Os arquétipos são possibilidades herdadas para representar imagens similares, são formas instintivas de imaginar. São matrizes arcaicas, que resultariam do depósito das impressões superpostas deixadas por certas vivências fundamentais, comuns a todos os seres humanos, repetidas incontavelmente através de milênios. Vivências típicas, tais como as emoções e fantasias suscitadas por fenômenos da natureza, pelas experiências com a mãe, pelos encontros do homem com a mulher e da mulher com o homem, vivências de situações difíceis como a travessia de mares e de grandes rios, a transposição de montanhas etc. (SILVEIRA, 1997:68)

O aluno busca o professor exterior, ao mesmo tempo em que se constela o professor intrapsíquico, assim como o professor busca o aluno exterior, assim como se constela o aluno intrapsíquico, são duas polaridades que se complementam dialeticamente. Segundo Saiani (1999), é o professor quem tem o papel de constelar no aluno o adulto instruído, a fim de fazê-lo interessar-se pelas informações passadas e apropriação do conhecimento, porém só conseguirá este feito se ele tiver desenvolvido essas habilidades em si mesmo.

É a própria integração paulatina do Arquétipo do Mestre-Aprendiz que exige que o professor seja, também, aluno e que se deixe ensinar pelos alunos enquanto ensina. Surgem aí a humildade e a sabedoria do professor e, simultaneamente, a sua busca de se exercer como aluno na relação construtivista. (BYINGTON, 1996:117)

Sendo assim, para a Psicologia Analítica, não basta o professor ser um mero transmissor de conteúdos, ele deve ser capaz de educar pelo exemplo; esta, para Jung, é a capacidade de a criança aprender por meio da imitação, inicialmente, mas mais do que isto, é a busca da criança em inspirar-se em um modelo. Essa educação acontece espontaneamente, sem interferência consciente, e sem métodos especificamente planejados para que a mesma ocorra.

Esse tipo de educação ocorre espontaneamente e de modo inconsciente, em todos os âmbitos da sociedade e da família. Tal educação processa-se para o bem ou para o mal, pois nunca temos plena certeza das influências positivas ou negativas que exercemos sobre nossos filhos e alunos. É o tipo de educação mais antigo e mais eficaz porque se fundamenta em uma das propriedades primitivas da psique, funcionando mesmo quando outros métodos falharem. Por meio dela, a criança identifica-se psicologicamente com os pais e demais pessoas com quem convive. (TEIXEIRA, 2008:27)

O professor, como modelo para o aluno, não tem apenas compromisso com uma técnica, um modo de fazer, mas consigo próprio, deve se conhecer, saber identificar suas tendências e atitudes, para poder compreender as diferenças entre os alunos, e propiciar uma atmosfera favorável ao processo ensino-aprendizagem.

É importante que o professor se ache possuidor de um certo conhecimento. Caso contrário, aos seus olhos e aos olhos dos alunos, ele pouco se distinguiria desses últimos. Por outro lado, os alunos, principalmente na fase da adolescência, vivem o mito do herói, conforme demonstra Stevens [1993]. E, conforme vimos, o velho sábio faz parte desse mito. É comum alunos procurarem professores em busca de orientações, conselhos, vivências que pouco têm a ver com o conteúdo de uma particular disciplina. O jovem procura encontrar seu próprio caminho, mirando-se no exemplo de alguém que, supostamente, o encontrou. (SAIANI, 1999:148)

Um aspecto essencial para que o professor possa auxiliar no desenvolvimento da personalidade do adolescente, é ter clareza do seu papel, como demonstra a citação acima, ele precisa ter propriedade de um saber específico, para se distinguir dos alunos e poder encontrar ferramentas que proporcionem uma boa relação do aluno, não só com a figura do mestre, e com a instituição escolar, mas com o conhecimento.

A verdadeira educação psíquica só pode ser transmitida pela personalidade do professor (...). Portanto, o que menos importa nesse processo é o método de ensino, que, por mais perfeito que seja, não surtirá efeito se quem o utilizar não se

encontrar acima dele em virtude do valor de sua personalidade (...). Mais do que educar a criança, é preciso educar o educador, o qual, antes de buscar conhecer metodologias, precisa conhecer tanto seus próprios processos psíquicos como os do educando. (TEIXEIRA, 2008:27)

Um professor que possui clareza do seu papel, de si próprio, se conhece e sabe o porquê de exercer essa profissão, torna-se um modelo ao jovem, inspirando-o e auxiliando-o na busca de sua própria forma de ser.

Neste ciclo, a escola, na figura dos professores, também tem uma importância vital. Sua tarefa é muito difícil: se, de um lado, não é desejável que exerçam a autoridade de modo a subjugar os alunos, de outro vale a pena apresentar aquela dose que compete à pessoa adulta e amadurecida perante o mais jovem, buscando uma relação dialética. Esta atitude não pode ser artificial. Mesmo que os professores possuam toda boa vontade, é conveniente que sejam pessoas sadias psicologicamente, ou seja, que tenham bem estruturados os complexos maternos, paternos e, principalmente, o da Anima e do Animus, para agirem espontaneamente. (SARGO, 2000:51)

Byington (1996) situa o papel do professor dentro da Pedagogia Simbólica que é aquela que se baseia no desenvolvimento da personalidade do indivíduo, a partir de todas as dimensões da vida (corpo, natureza, sociedade, idéias, imagens e emoções). Centrada na vivência, a Pedagogia Simbólica visa reunir o subjetivo e o objetivo, utilizando as mais variadas técnicas expressivas para vivenciar o processo ensino-aprendizagem, baseado no desenvolvimento simbólico e arquetípico da personalidade e da cultura, busca propiciar a interação entre o aprendizado, a utilidade, o trabalho e as fontes de produção. Segundo o autor, “A mensagem principal da Pedagogia Simbólica é baseada no vínculo e no desenvolvimento simbólico da psique dentro do vínculo transferencial amoroso professor-aluno.” (BYINGTON, 1996:13)

O papel do educador nessa perspectiva é associar subjetivo e objetivo na transmissão de conhecimento, por meio de fatos que podem ser conhecidos de forma vivencial. Para isso eles precisam conhecer seus alunos, só assim

conseguirão eleger estratégias que sejam interessantes para o jovem, a fim de aproximá-los da apropriação de conhecimento.

Sendo assim, mais uma vez a competência do professor não se restringe a somente conhecer o conteúdo de sua disciplina, mas deve, também, saber planejar estratégias que atendam os modos de aprender de todos os alunos da classe. Somente dessa forma estará ocorrendo a comunicação entre professor-alunos e alunos-conhecimento. Penso que só assim a aprendizagem poderá fluir de forma mais significativa, original e criativa. (SARGO, 2000:58)

Uma questão crucial com relação à educação, é que a aprendizagem se dá somente no plano racional do indivíduo, fazendo com que outras esferas do mesmo fiquem de fora do processo ensino - aprendizagem. Com relação às funções psicológicas descritas por Jung, a escola investe apenas na função pensamento, deixando outras três de lado (intuição, sentimento e sensação), atingindo apenas parte dos estudantes, mas não a maioria. A partir dessa constatação, podemos fazer um paralelo com o fracasso escolar e a indisciplina, pois, como o ensino atinge apenas pequeno percentual dos alunos, ocorre exclusão escolar de todos aqueles que não possuem a função pensamento como principal, gerando desinteresse e desmotivação por parte destes.

Observamos que os alunos, de acordo com suas tipologias, desenvolvem modalidades diferentes de se aproximar do conhecimento. Nessa medida, se considerarmos que a organização dos conhecimentos trabalhados na escola privilegia, essencialmente, as posturas cognitivistas, que valorizam a lógica do pensamento racional, pode-se supor que somente a função pensamento estará sendo atendida. Posto isso, os alunos que possuem outras tipologias, portanto, outras modalidades de aprendizagem, poderão apresentar dificuldade no aprendizado. Uma vez que há quatro diferentes modos de interagir com os conteúdos das disciplinas, o professor, ao trabalhar com o pensamento racional estará atingindo somente um quarto da totalidade de seus alunos; os outros três quartos, que não estão sendo contemplados, provavelmente, ficarão prejudicados. Estes três quartos, rapidamente, perceberão que o currículo não tem sentido para eles. (SARGO, 2000:58)

Os tipos psicológicos são tendências que as pessoas possuem em entender a si e ao mundo, através de seu olhar, pensamentos, ações. São compostos por duas atitudes – introvertida e extrovertida - e quatro funções da consciência – intuição, sensação, pensamento e sentimento. Todas as pessoas possuem as duas atitudes e as quatro funções em seu psiquismo, porém algumas encontram-se na consciência e outras na sombra (inconsciente).

As pessoas que são mais voltadas ao mundo interno, têm a atitude introvertida na consciência e a extrovertida na sombra. As pessoas que são mais voltadas para o mundo externo, possuem a atitude extrovertida mais consciente e a introvertida na sombra.

As quatro funções da consciência são formas de orientação da consciência. A sensação estabelece o que está presente na realidade, o pensamento nos permite reconhecer seu significado, o sentimento nos indica seu valor e a intuição aponta possibilidades (de onde vem e para onde vai). Jung as dividiu em racionais - pensamento e sentimento (funções de julgamento) - e irracionais - sensação e intuição (funções de percepção). Esses pares representam opostos, que seguem a mesma lógica da atitude, quem tem o pensamento na consciência, possui o sentimento na sombra, e quem tem intuição na consciência, possui sensação na sombra – e vice-versa.

O método atual de ensino investe apenas nos estudantes que possuem como tipo psicológico o pensamento extrovertido, tendo dificuldades ou não alcançando os alunos que não possuem este perfil psicológico.

E para embasar melhor essa visão do ensino atual, Byington (1996) detalha o cotidiano do aluno em sala de aula:

Vemos claramente como a pedagogia predominantemente racional está limitada e aprisionada. Alunos com seu corpo geralmente imobilizado em cadeiras, escutando falar de coisas que não podem ver, pegar, cheirar, ouvir, degustar, amar ou odiar. Alunos ouvindo frases exclusivamente lógicas, desvitalizadas da emoção, do prazer, do lúdico e da dramatização existencial. Alunos sem interação grupal pedagógica temática entre si e com o professor. Alunos longe da natureza. Alunos quase que exclusivamente racionais, quase que sem corpo, sem sociedade, sem natureza, sem

imagens e sem emoções. Um aprendizado avaliado também quase que exclusivamente pelo raciocínio verbal lógico. Um aprendizado que faz questão metodológica de excluir do seu método a vida como ela é e de ignorar que a avaliação do aprendizado se caracteriza pela maior ou menor capacidade de inserir o que se aprende no sentido do processo existencial. (BYINGTON, 1996:17)

A proposta da educação é alcançar o desenvolvimento pleno de todas as esferas do indivíduo; entretanto, utilizando apenas  $\frac{1}{4}$  da potencialidade do mesmo, esse objetivo torna-se inalcançável para a maior parte dos alunos, promovendo sentimentos de fracasso e, podendo até desenvolver aversão aos estudos por parte do jovem. É necessário que o professor conheça cada aluno, levando em consideração suas especificidades, sem preconceitos, valorizando aquilo que o aluno tem de melhor, e auxiliando no desenvolvimento de potencialidades que estão imersas na sombra do aluno adolescente.

Se um dos objetivos da educação é buscar a realização plena dos potenciais do indivíduo, a proposta da Psicologia Analítica é atingir estes mesmos objetivos através do exercício dialético das polaridades consciente-inconsciente. Portanto, quando o professor trabalha levando em conta as quatro funções, ele estará não só atingindo os diversos modos conscientes de aprender, como promovendo o equilíbrio psíquico de seus alunos, na medida em que está possibilitando o desenvolvimento das suas funções inferiores, localizadas no inconsciente. (SARGO e MOREIRA *apud* SARGO, 2000:58)

Outra crítica ao ensino atual, que vai ao encontro do que foi dito anteriormente, é o abismo existente entre a realidade escolar e a realidade do indivíduo. Como a forma de ensino atual fica apenas no plano racional, consciente, não abarcando a subjetividade do indivíduo, muito menos integrando objetividade e subjetividade, consciente e inconsciente, e relacionando os assuntos tratados em sala de aula às vivências do sujeito, a vida escolar e a vida real do jovem aparecem dissociadas uma da outra, como se fossem realidades completamente diferentes e opostas, tornam-se polaridades.

Há uma escola imaginada e supostamente efetivada pelos professores, mas há outra escola que se produz cotidianamente e à revelia dos objetivos formais e/ou ideais do corpo docente. É a escola do aluno, que se faz nos intervalos das aulas, nos pátios, no corredores, ou até mesmo nos lapsos da superfície pedagógica das aulas. (AQUINO, 1996:106)

A realidade escolar é vista pelo jovem como, devido a sua obrigatoriedade, maçante, desprovida de sentido, e, por não conseguir envolver grande parte deles, torna-se uma fonte de desprazer. Os outros âmbitos da vida do sujeito são vivenciados de forma muito mais interessante e prazerosa. Essa cisão Vida Real X Vida Escolar faz com que o adolescente não faça a conexão entre o frequentar a escola e o desenvolvimento de sua personalidade, envolvendo todos os âmbitos de sua vida, como uma totalidade.

O ensino racional e objetivo, que ignora as conotações subjetivas do que ensina, nem por isso se torna capaz de eliminá-las. Ao serem dissociadas e reprimidas, estas características subjetivas sobrevivem, ainda que deformadas. Ao ser exercido de forma unilateral, o ensino mantém e divulga a dissociação do Ser na cultura. (BYINGTON, 1996:36)

Para Sargo (2000), a escola é o local em que haverá ampliação de consciência, pois favorece a descoberta do conhecimento, e difunde a cultura organizada. É o espaço que deveria estar voltado para a expansão de consciência tanto do aluno, quanto do professor. Nas palavras da autora:

A cultura organizada, transmitida pela escola, estimula para alunos e professores a descoberta do conhecimento e amplia a estruturação de suas consciências. Assim, se não houvesse escola, por mais inteligentes que fôssemos, permaneceríamos num grau menor de consciência. Além disso, a educação coletiva é indispensável, pois vivemos em sociedade e precisamos aprender normas e linguagem comuns (Jung 1981). A escola é, assim, um espaço importante para o desenvolvimento da consciência. É um espaço que deveria estar voltado para o crescimento da criança e do educador. (SARGO, 2000:68)

## Capítulo 5: Análise do filme Entre os Muros da Escola

Para melhor ilustrar minha pesquisa, utilizarei como ferramenta trechos do filme “Entre os muros da escola” (*Entre les murs*, 2008, diretor: Laurent Cantet). Segue abaixo a sinopse, segundo Tadeu (2009):

**Sinopse:** François Marin, professor de língua francesa, prepara-se para iniciar o ano letivo em uma sala de aula da sétima série em uma escola da periferia de Paris. Alunos indisciplinados, diferenças culturais, problemas de aprendizado. São questões que permeiam o dia-a-dia da sala de aula do professor Marin. O tema central do enredo é a difícil relação entre professor e aluno, nos dois sentidos. A autenticidade do filme se deve a François Bégaudeau, que é o ator principal na adaptação cinematográfica feita por ele mesmo de um livro com relatos de suas experiências pessoais lidando com seus alunos. François constrói um protagonista com falhas, para mostrar bem várias falhas na relação. Tudo acontece de forma a fazer com que o espectador conheça o dia-a-dia de uma classe ginásial da periferia de Paris. Não há julgamento, apelo emocional, nem estrutura narrativa melodramática. Há pessoas, com toda a complexidade que “ser humano” implica. O julgamento, a empatia, a emoção, cabem justamente ao espectador. Mais do que o cotidiano da classe, mais do que os desafios de um professor (que se mostra falível, diferente dos “mestres com carinho” a que Hollywood nos acostumou), o filme fala sobre histórias reais, humanas, e da forma de contá-las.

Muitas situações me chamaram a atenção no filme, mas analisarei uma especial: a relação do professor Marin com Soleymane, que é um aluno que se senta ao fundo da sala, não copia a matéria e não faz os trabalhos. Professor Marin constantemente chama sua atenção.

Divido, portando, o filme em oito momentos principais que envolvem este aluno:

## **Momento 1: O autorretrato**

A partir do livro O Diário de Anne Frank, professor François Marin sugere que cada aluno construa seu autorretrato, conforme o trecho que se segue:

François. - *Quando peço para escreverem seu auto-retrato espero que me revelem coisas, que exprimam sentimentos, sensações, que me contem histórias que me permita conhecê-los melhor.*

Os alunos demonstram dúvida sobre sua capacidade de escrever tão bem quanto a Anne, dizem que aquilo que escreverão não será tão apaixonante quanto o que ela escreveu. Uma das alunas diz: *“As nossas vidas não são tão apaixonantes”* Também crêem que são demasiado jovens e que não tem o que escrever por causa da falta de experiência: *“Aos 13 anos não temos nada para contar”*.

F. - *Aos 13, 14, 15 já tiveram experiências, o engraçado é que parece que vocês não acham as suas vidas interessantes.*

Alunos: - *Mas nós só vamos à escola, voltamos para casa, comemos e dormimos.*

O Professor François tenta colocar em palavras, a partir de uma discussão, o que os alunos pensam sobre a proposta, mostrando assim que eles não precisam contar somente fatos, mas valorizar o que sentem acerca dos fatos. Alunos dizem que os fatos são privados. O professor concorda, mas diz que isso o interessa do mesmo jeito.

Alunos rebatem dizendo que ele é o professor e que este é o seu papel. Marin tenta convencê-los que se interessa sim por suas vidas, mas os alunos duvidam disso, dizendo que ele só o faz por ser seu trabalho. François tenta compreender por que os alunos estão tão resistentes à proposta, questionando-os.

Boubacar: - *Porque há coisas que são privadas.*

F: - *O que é que pode ser difícil contar sobre a sua vida privada?*

Burak: - *Podemos ter vergonha de contar certas coisas.*

F: - *São coisas difíceis de dizer, ainda mais de escrever.*

Explora a questão tentando fazê-los refletir sobre o que sentem em determinadas situações, principalmente as que os envergonham.

Após toda a discussão, que conseguiu sustentar, deu como trabalho de casa para dali uma semana “escreva seu autorretrato” e completa:

F: - *Devo dizer-lhes que autorretrato não é autobiografia, não quero que me contem suas vidas, quero que me descrevam quem são, sobre a sua personalidade. Vamos Lê-los na aula e depois veremos o que fazer com eles.*

Os alunos não fizeram o autorretrato em casa, então tiveram que fazer em classe. Há um aluno chinês na sala, chamado Wey. Normalmente é um aluno de que os professores gostam muito, apesar de possuir dificuldades com o francês. François elogia o autorretrato de Wey, quando este o lê, e não elogia o da Esmeralda, irritando assim os alunos, que apontam ao professor o fato deste valorizar somente as produções de Wey. Professor Marin não assume essa forma de agir. Depois, solicita que Soleymane leia o dele, mas este não quer. Disse que não escreveu nada, o professor duvida, dizendo que o viu escrevendo. Então Soleymane lê:

Souleymane: - *Me chamo Soleymane, não tenho nada a dizer sobre mim, só eu é que me conheço.*

F: *Por que e que não se esforçou como os outros?*

S: - *Não gosto de falar da minha vida, só isso.*

F: - *E por que é que os outros se esforçaram para contar as suas vidas e você não?*

S: - *Isso é problema deles, não gosto de falar da minha vida.*

Esmeralda: - *Ele não sabe escrever, é isso!*

Souleymane se estressa, briga e xinga Esmeralda, começa a fazer insultos em forma de piadinhas, Marin pede para ele parar, mas o garoto não o respeita.

Mostra uma tatuagem que chama de corão que está escrito “Se o que tem a dizer é menos importante que o silêncio, cale-se”

F: - *Souleymane, se você escrevesse essas coisas tão interessantes no papel seria extraordinário.*

S: - *Também acho.*

Marin: - *Isso prova que você pode fazer.*

Então Marin pede que os alunos reescrevam e aperfeiçoem o autorretrato.

Esta passagem retrata muito bem a crise da adolescência, em que não existe um lugar social definido para esses jovens, o que faz com que eles não se vejam interessantes por não fazerem nada que julguem importante no mundo. A sensação que possuem é de inutilidade e não pertencimento.

Este primeiro momento é marcado por diversas contradições. Primeiramente o professor tenta, por meio do diálogo, mostrar que a vida daqueles adolescentes é interessante, e melhorar a autoestima dos mesmos, que está bastante prejudicada. Ao mesmo tempo, elogia somente a produção de Wey, que é visto pela maioria dos professores como modelo de bom aluno. Este é o típico aluno que realiza todas as tarefas, aprende com rapidez (exceto francês, por ele ser coreano) e não confronta em sala de aula. Ao mesmo tempo é um garoto que não possui muitos amigos, fica a maior parte do tempo em casa jogando videogame e essa atitude dos professores - de valorizá-lo em detrimento dos colegas - o afasta mais do convívio social e instaura um clima de rivalidade entre os companheiros de classe.

Com relação aos outros alunos, ao invés de valorizar o que fizeram, e tentar ajudá-los a melhorar o que não ficou tão bom, destacou somente os erros, fazendo com que eles se sentissem desvalorizados. Causou um estranhamento, pois ao mesmo tempo em que o professor tentou melhorar a autoestima deles, orientando-os a prestarem atenção em seus sentimentos,

promovendo a reflexão e afirmando que aos 13, 14 anos existem questões interessantes em suas vidas, acabou desvalorizando-os quando estes haviam concluído a atividade proposta. Essa contradição foi sentida e reconhecida pelos jovens, que acabaram exprimindo o que sentiam, porém Marin não reconheceu essa sua forma de atuação. Aqui entra o problema do professor não conhecer a si mesmo: quando não reconhece aquilo que é seu, acaba projetando aspectos de sua sombra nos alunos, não percebendo suas falhas. Assim, o clima de confronto se instaurou, mas em sua forma negativa, no sentido de estagnação e não de transformação.

Por outro lado, Marin focou e destacou a importância dos sentimentos na produção de uma atividade e não deu importância somente aos fatos objetivos, mostrando assim uma atitude diferenciada com relação ao que as escolas propõem e aos outros professores, que possuem uma rigidez e carregam o histórico de ensino militar, ignorando as emoções e a subjetividade dos jovens em sala de aula, não lidando, assim, com a totalidade do indivíduo e, muito menos, adquirindo ferramentas para lidar com o adolescente em suas especificidades, transformando a escola em um local utilizado somente para transmitir certos conteúdos de forma sistemática, que acabam não fazendo sentido para a vida dos alunos, o que não gera interesse e muito menos o processo de ensino-aprendizagem.

A contradição representada por este momento exemplifica o quanto lidar com o indivíduo adolescente nessa fase de busca por um lugar social e por definir sua personalidade real é difícil, demandando reflexão, técnica, estratégia e jogo de cintura. Como mostra o filme, a interação entre professor e aluno adolescente é extremamente complicada devido às especificidades da crise da adolescência, em que o indivíduo encontra-se em constante processo de mudança. O educador, representado por aquele que possui sua personalidade mais definida e clara, encontra-se despreparado para lidar com indivíduos nessa fase da vida, o que torna o convívio bastante conflituoso.

## **Momento 2 : No laboratório de Informática**

François Marin leva seus alunos ao laboratório de informática para montarem seus autorretratos. Souleymane mostra algumas fotos aos amigos,

Boubacar diz que elas são para o autorretrato, porém ele diz que suas fotos não valem nada. Marin valoriza a produção do jovem, dizendo que é uma boa idéia, e que pintores e fotógrafos fazem autorretratos. Souleymane sorri e diz que não é pintor. No computador, o professor elogia as fotos do aluno, e ensina-o a colocar legendas. Em seguida, Souleymane imprime todas suas fotos com as legendas prontas. Depois de impressas, rapidamente Marin as coloca no mural, deixando o aluno envergonhado, e um pouco atordoado.

S: - *O que está fazendo, professor?*

F: - *Estou afixando as suas fotos para ter uma visão do conjunto. Os outros leram seus autorretratos em público, e você vai afixar publicamente.*

S: - *Mas as minhas fotos não prestam!*

F: - *Não é verdade, são muito boas. Se um aluno faz um bom trabalho, gosto que toda a turma veja!*

S: - *Só pode estar gozando de mim!*

F: - *Não, só brinco contigo se você achar que pode fazer melhor, mas isto é bom.*

S: - *Tá de brincadeira!*

Então o professor Marin convoca todos os alunos para verem o trabalho de Souleymane, estes o apreciam com curiosidade e interesse.

Neste momento Souleymane deixa clara sua falta de confiança em si próprio e François tenta valorizá-lo, mas o menino não acredita que possa fazer um bom trabalho. Souleymane é um jovem estigmatizado pela escola. Ele próprio se reconhece no papel de “aluno-problema” e a escola acredita que não tem o que fazer para auxiliá-lo em suas dificuldades. A partir do momento em que o professor valoriza sua produção, percebe-se um estranhamento e um orgulho no rapaz. Quando Marin decide expor seu trabalho e convocar todos os colegas de sala para vê-lo, o aluno fica atordoado, porém contente e se empenha para fazer bem feito. Neste momento Marin conseguiu compreender, pinçar e valorizar algo que o “aluno-problema” gostava, tirando-o deste lugar estigmatizado, daquele que não realiza as atividades propostas satisfatoriamente e de “rebelde sem causa”. Nesse momento, verifica-se outra

forma de agir do jovem - diferente daquela de enfrentamento constante - em que ele se concentrou, se empenhou, se satisfaz com sua produção e, conseqüentemente, consigo mesmo. Se esse tipo de atitude existisse com maior frequência na relação com o Souleymane, sua autoestima poderia ser positiva e, provavelmente, o rapaz não se identificaria com a persona de “garoto problema”. Estando com uma autoestima positiva e aberto para experimentar outros papéis além daquele em que é colocado, entraria mais em contato consigo mesmo: aquilo que gosta; aquilo que não gosta; aquilo que faz bem; aquilo que quer melhorar. Ficando mais aberto para experimentar novas formas de ser, acabaria entrando em contato com suas potencialidades, suas especificidades. Assumiria seus desejos e correria atrás de alcançar seus objetivos. Ao invés de se identificar com a persona que o paralisa e o impede de alcançar metas, entraria mais em contato com aquilo que de fato é.

### **Momento 3: Conselho de classe**

Dia do conselho de classe dos professores com o diretor, e duas representantes da sala (delegadas de turma): Esmeralda e Louise.

Os professores falavam de cada aluno, avaliando comportamento e nota. Quando chegou a vez de Souleymane, todos se referiram a ele como mau aluno.

*F: - Tem grandes lacunas, nomeadamente na expressão escrita, acho que não há nada de extraordinariamente novo (desde o semestre anterior) a referir neste segundo período.*

Outro professor acrescenta que no segundo período ele esqueceu o material quase todo dia e não fez grande coisa. Em seguida, um terceiro professor diz que ele está cada vez mais abusado e impede os outros de trabalharem. Esmeralda lembra que a média dele subiu de 6,75 a 7,25. O diretor diz que não estão avaliando notas e sim comportamento. Um quarto professor sugere ação disciplinar porque o comportamento é muito ruim.

F: - *Acho que com ele a ação disciplinar não vai adiantar, porque assim é que as coisas vão piorar mesmo.*

E continua afirmando que apesar do incidente do dia anterior (em que o levou ao diretor, por mau comportamento em sala de aula), não tem do que reclamar dele desde o começo do ano, não acha que seja necessário chamar a atenção dele com ameaças e castigos, prefere valorizar o que ele faz bem, e tem coisas que o interessam. Replicam afirmando que sob o pretexto de que ele faz alguns bons trabalhos, não dá para deixá-lo no fundo da sala sem fazer nada.

Assim, o diretor questiona o que fazer, como aconselhar.

F: - *Acho que não é de uma advertência que ele precisa, o melhor seria dizer que o Souleymane já passou dos limites porque, do ponto de vista escolar, ele é limitado.*

Nesta passagem vê-se claramente o hábito da instituição escolar ressaltar aquilo que não vai bem ao aluno, e esquecer-se de valorizar suas qualidades, principalmente quando ignoram o fato do rapaz ter aumentado sua nota de um semestre ao outro. Fica claro também um sentimento de impotência por parte dessa escola com relação à Souleymane. Não sabem exatamente como agir. Essa impotência pode ser causada pela rigidez dos métodos escolares, que não alcançam o aluno, mas estão tão arraigados na realidade da instituição, que não existe movimento para rever a forma de ensino, nem de tentar compreender o que acontece na vida desse menino que o faz agir de forma diferente do que esperavam. Os professores e o diretor claramente culpabilizam o aluno, sem olhar para si e sua forma de ensino, sem pensar em formular estratégias diferenciadas para alcançar Souleymane, que promoveriam, assim, uma relação professor-aluno a favor da transformação, amadurecimento e aprendizado, tanto do aluno, quanto do professor.

Como foi visto nos capítulos anteriores, a responsabilidade de criar um ambiente favorável ao ensino é do professor, pois ele possui o papel de mediar a relação dos alunos com o conhecimento. François funciona de forma ambígua. Algumas vezes consegue estabelecer uma atmosfera propícia à

aprendizagem, principalmente quando proporciona a reflexão aos alunos, outras vezes não consegue sustentar o diálogo por muito tempo, pois não admite que também possua falhas e tem dificuldade em olhar para si mesmo. Toda vez que um aluno questiona o papel de François Marin, este cria uma “barreira”, perde o jogo de cintura e acaba fazendo com que o fato dos alunos colocarem seus pontos de vista transforme-se em enfrentamento, criando um clima de mal estar na sala.

Em nenhum momento mencionaram no Conselho o que Souleymane fazia de melhor. Professor Marin entra em contradição quando, ao mesmo tempo em que diz que ele faz bons trabalhos, o taxa de limitado, não sustentando sua opinião frente aos outros professores e ao diretor, que não concordam com ele, minando, dessa forma, sua compreensão e tentativas de criar estratégias para alcançar o aluno, alienando-se cada vez mais de si mesmo.

Essa contradição se dá no momento em que François Marin representa uma persona condizente com a instituição escolar e o corpo docente e vê a necessidade de identificar-se com este lugar social, de alcançar as expectativas dessas instâncias, ao mesmo tempo em que possui idéias próprias e diferenciadas dos outros, em que há um desejo de assumir aquilo em que acredita e entrar em contato consigo mesmo. Entretanto, para que isso acontecesse seria necessário que o professor se despisse de sua persona e se opusesse aos valores da instituição em que trabalha, o que geraria grande conflito.

#### **Momento 4: Na sala de aula**

Após o conselho de classe, em uma aula sobre métrica poética, um dos alunos reclama que sua média está errada, e diz que Esmeralda contou a ele. O professor fica irritado com a situação. Souleymane aproveita o gancho.

S: - *Ouvi dizer que ontem na reunião o professor me perseguiu.*

F: - *Mais outro comentário sobre a poesia?*

S: - *Não estou falando de poesia!*

F: - *Bem, vejo que você não fala de poesia. O que quer dizer com “perseguiu”?*

S: - *Não sei, mas me “perseguram”.*

F: - *Houve pessoas, não eu, que disseram que se continuasse assim... Alguns professores disseram que continuando assim você terá problemas. Não se tratou de “perseguiem” você.*

S: *Mas isso é vingança. Não entendo. Os professores querem se vingar de mim?*

F: - *O que isso tem a ver com vingança?*

S: - *Se dizem que eu vou arranjar problemas, isso é vingança ou não?*

F: - *Não tem nada a ver com vingança. Não estamos na rua, estamos te prevenindo. Não estamos aqui para nos vingar, mas para impor a disciplina, percebe a diferença?*

Souleymane acha que o professor quer se vingar dele porque tem algo contra ele. Esmeralda e Louise contam que o professor insultou Souleymane chamando-o de limitado.

S: - *Eu, limitado?!*

F: - *Louise, Esmeralda, qual é exatamente o seu papel de delegadas? É representar os alunos para assegurar o bom funcionamento da turma, ou que isso aqui vire um bordel entre eu e seus colegas?*

Louise e Esmeralda dizem que só fizeram o trabalho delas, relataram o que aconteceu no conselho. Professor Marin diz que não foi essa impressão que teve ao vê-las aos risinhos no conselho, disse que elas pareciam vagabundas rindo daquele jeito.

S: - *Não se fala assim com garotas!*

F: - *Olha quem fala, sempre está insultando todo mundo!*

S: - *O professor agora desconta nas garotas!*

F: - *Esse número de cavalheiro que defende as duas damas não cola para mim!*

S: - *Não fale assim comigo!*

Começaram a discutir, Souleymane ameaça Marin de apanhar, os outros tentam acalmá-lo e ele vai ficando cada vez mais nervoso, se levanta com

agressividade, empurra o professor, bate a mochila numa menina, a machuca sem querer e sai da sala.

Esse é um momento crucial no filme, marcado pelo enfrentamento adolescente e pelo despreparo do professor em lidar com isso. Mesmo o professor sendo responsável pelo clima proporcionado em sala de aula, a discussão com o Souleymane acabou criando um mal estar, e foi tomando proporções cada vez maiores, fazendo com que Marin perdesse o controle da situação.

Mais do que mediador do clima de tensão instalado nessa discussão, François Marin foi o responsável pela existência dela, o que o deixou desconcertado, acabou perdendo o “jogo de cintura”, dando espaço para que a discussão aumentasse.

O desconcerto do professor se deu a partir do momento em que sua persona entrou em conflito com aquilo que ele realmente era. Quando não conseguiu assumir uma postura que fosse condizente com sua prática de ensino e aquilo em que acreditava, perdeu a reação e acabou ofendendo suas alunas, projetando sua sombra nelas. Aparece, novamente, a importância do professor se conhecer, para poder retirar as projeções e ver seus alunos como eles realmente são. Com essa falta de conhecimento de si, François Marin assume uma postura contraditória em seu ofício, tanto para ele mesmo quanto para os alunos. Ao mesmo tempo em que tenta conhecer seus alunos, propondo que realizem um autorretrato, os insulta quando as situações tornam-se de difícil manejo.

O caso Souleymane chegou a um limite, pois, como mostra o filme, não houve planejamento de estratégias adequadas para integrar o aluno no cotidiano escolar, auxiliando na melhora de sua autoestima e fazendo-o interessar-se pelo conhecimento. Em nenhum momento houve preocupação em compreender o porquê de aquele aluno agir de forma “rebelde”. As instâncias da escola pouca coisa sabiam de sua situação familiar, de como funcionava sua vida, muito menos abriram um espaço de escuta para o que o rapaz tinha a dizer sobre si, suas relações, suas dificuldades e facilidades. Quando a situação chegou num extremo, recorreram a medidas extremas também, como convocar o Conselho Disciplinar.

François Marin representou para o aluno o professor que em determinados momentos incentivava-o e valorizava-o, porém, quando o taxou de limitado, confirmou a identificação do aluno com a persona negativa, desvalorizando-o e, novamente, estigmatizando-o. A adolescência é uma fase em que o olhar do outro é muito importante para formar o auto-julgamento, no momento em que esse outro tem um olhar negativo sobre o jovem, este pode acabar identificando-se com esse olhar, confirmando o estigma que lhe é imposto. O professor também é um modelo para o jovem e, se este modelo não o aceita do jeito que é, não o valoriza, dependendo da forma como as outras instâncias o vêem (família, amigos, sociedade), o adolescente admite aquele olhar para si, e passa a reconhecer-se através do olhar negativo que lhe foi direcionado.

No caso de Souleymane, criou-se uma confusão na psique do rapaz quando o professor Marin o taxou de limitado após ter elogiado e incentivado seu trabalho de autorretrato. O aluno, que havia se sentido orgulhoso por realizar uma boa tarefa, a partir do momento em que percebeu que seu professor - o mesmo que em princípio acreditava em sua capacidade - não confiou em sua potencialidade perante as outras instâncias da escola, sentiu-se humilhado e desesperançoso quanto a si mesmo e ao outro, ocasionando este momento 4, que acarretou em sua expulsão da escola.

Para o adolescente que está em busca de uma personalidade bem definida, o grupo e as pessoas ao seu redor tornam-se muito importantes para que ele a encontre. A partir da inspiração em um modelo, do enfrentamento, da absorção de conhecimentos da cultura acumulada, o jovem assume seus valores, crenças, desejos e forma sua personalidade. Essa personalidade pode ser vivenciada de forma positiva e construtiva, se a autoimagem do adolescente estiver igualmente bem definida e positiva. Caso contrário pode ocorrer uma identificação do indivíduo com a persona, ou um sentimento de não pertencimento social, ao invés do mesmo possuir ferramentas para desenvolver suas potencialidades e entrar em contato cada vez mais consigo mesmo, de forma a auxiliar seu processo de individuação.

Como aconteceu com Souleymane, a partir da desistência do outro de investir nele, o garoto provavelmente formou uma autoimagem negativa, hipótese que se confirma através de sua dificuldade em se adequar às

exigências escolares. Prova disso é o Momento 2, quando fica evidente a insegurança do jovem quanto a sua capacidade. A expulsão possivelmente apenas confirmou sua não capacidade em se adequar às expectativas sociais, ocasionando uma autoestima negativa e uma sensação de não-lugar.

### **Momento 5: Diálogo X discussão com os alunos**

François Marin escreve um Relatório de Incidentes sobre o ocorrido em sala de aula. Leva-o ao diretor que quer tomar como providência convocar o Conselho Disciplinar. Analisa o relatório do professor, que não concorda muito em chamar o Conselho.

Diretor: - *Isso já é demais! Começa com o desrespeito, depois a briga com um ferido e, por fim, sai da sala sem pedir autorização.*

F. – *Na verdade só houve um incidente que tomou grandes proporções. Uma coisa levou à outra e houve reação em cadeia.*

D. – *O que posso fazer é tomar uma medida provisória dada a gravidade da situação e suspender o Souleymane por 48 horas. Assim teremos algum tempo para tomar uma decisão.*

O professor concorda, e o diretor o convoca para uma reunião em seu gabinete no dia seguinte.

Nas escadas, uma professora o procura para falar sobre um boato da escola a respeito de François ter insultado alunas em sala, ele assume o acontecimento, porém não o relaciona com o incidente do Souleymane.

Marin vai tirar satisfação com Louise e Esmeralda, dizendo que elas fizeram queixa dele. Falou que elas não precisavam ter dado queixa dele, poderiam falar diretamente com o ele.

Louise: - *Se os professores podem se queixar no Conselho de Classe, nós também, certo?*

F: - *Não, não funciona da mesma maneira. E esperam o quê com isso?*

Esmeralda: *Que o professor seja punido, como nós.*

François perde seus argumentos frente a essa discussão, e tenta amenizar o fato de tê-las xingado de vagabundas, dizendo que para ele não significa prostituta e sim meninas que ficam rindo como estúpidas.

Koumba pergunta se Souleymane será expulso, Marin diz que ainda não sabe, é uma possibilidade, mas para eles não arranjam confusão antes da decisão. Um dos alunos, que foi expulso de outra escola para a atual, diz que a expulsão nunca é algo bom e que professores que expulsam alunos são uns “filhos da mãe”.

F: - *Repita?*

Aluno: - *São uns filhas da mãe!*

F: - *É incrível, digo uma palavrinha de nada e todos ficam nervosinhos. Você diz “filho da mãe” e eu não posso dizer nada?*

A: *Mas eles são “filhas da mãe” mesmo!*

F: - *Já chega, não acha?*

E: - *Você diz vagabundas, nós dizemos “filha da mãe”. É a mesma coisa!*

F: - *Não é a mesma coisa! Vocês precisam entender que eu sou o professor e posso dizer certas coisas e os alunos não! E é assim mesmo!*

O aluno questiona por que o professor sempre grita quando eles vão falar, François não sustenta a discussão e sai. Koumba vai atrás dele:

K: - *Professor?*

F: - *O quê?*

K: - *Agora é sério, o Souleymane vai ao Conselho Disciplinar?*

F: - *Pare com isso! Até parece que quer que ele vá, fica feliz com isso?*

K: - *Não, sabe o que vai acontecer se ele for expulso?*

F: - *Terá que ir para outra escola!*

K: - *Não, não vai para outra escola.*

F: - *É automático. É o que vai acontecer com o Souleymane.*

K: - *Conhece o pai dele?*

F: - *Eu o vi uma ou duas vezes.*

K: - *Se o Souleymane for expulso, o pai manda ele de volta para a aldeia deles.*

F: - *Deixe de fantasias.*

K: - *Ele vai voltar ao Mali.*

F: - *Acho que é melhor mantermos a cabeça fria. Não se preocupe.*

Na primeira parte deste diálogo, em que o professor conversa com o diretor, esboça uma consciência do que houve com o incidente de Souleymane, tentando mostrar ao diretor, timidamente, que a ação do aluno foi desencadeada por motivos reais acontecidos em sala, porém não assume que muito do ocorrido foi sua responsabilidade. François Marin não enxerga que grande parte da revolta de Souleymane foi ocasionada porque o professor desconfiou de sua capacidade intelectual.

Para Souleymane, principalmente pensando no momento 2, o professor Marin tornou-se aquele que o tirou do lugar de aluno-problema, e o colocou no patamar dos alunos que, com esforço e vontade, conseguiam realizar as atividades. Quando o jovem descobre que esse mesmo professor o taxou de limitado, recolocando-o, portanto, no lugar-comum de aluno-problema, este se frustra, perdendo o controle de suas atitudes.

Para que o professor consiga atingir seus objetivos e promover o processo ensino-aprendizagem, é necessário que ele, primeiramente, confie na capacidade de seu aluno. François Marin quebrou esse vínculo de confiança com Souleymane, o que acarretou em agressividade, humilhação e revolta por parte do menino.

O que mais marcou este momento foi a reivindicação dos alunos por um espaço para expressarem suas opiniões. O professor Marin normalmente promove este espaço, porém, seu caráter contraditório, como já foi dito anteriormente, não permite que o debate flua. Na medida em que sente que está perdendo o controle da situação, coloca a hierarquia como escudo para protegê-lo, como quando afirma que o professor pode dizer certas coisas que os alunos não, desvalorizando, dessa forma, a opinião de seus alunos, recolocando-os na situação de não-lugar social, tão comum à adolescência. Essa forma de agir contradiz o momento 1, em que solicitou que os alunos fizessem o autorretrato. Naquele momento afirmou que aos 13, 14 anos seus alunos já teriam o que dizer, e que aquilo que diziam era importante a ele.

Entretanto, a forma como encarou a discussão no pátio demonstrou sua insegurança quanto a acreditar na importância de seus alunos exporem suas opiniões.

### **Momento 6: Conversa com os professores**

Na reunião de professores eles tentam consolar François falando que nada justifica o que Souleymane fez. O professor tenta contar a história como de fato aconteceu, e amenizar a culpa para o lado de Souleymane. Diz que no ano anterior tiveram 12 Conselhos Disciplinares e todos com expulsão de aluno, questionando o papel do debate que é realizado no Conselho. Os professores dizem que as expulsões aconteceram por não haver outra forma de lidar com a situação, e que todas eram justificadas; então François Marin questiona:

*F: - É óbvio que se passaram coisas que justificam o Conselho. Mas depois, o que é que acontece? O que é que podemos esperar de um Conselho Disciplinar?*

E continua dizendo que eles não conseguem tomar outras medidas, pois sabem que o Conselho existe, então é uma situação cômoda, que acaba impedindo-os de tomar medidas pré-disciplinares.

*F: - O simples fato de expulsar um aluno é como jogar fora tudo o que tentamos antes.*

*Professor 1: - Sim, mas também é uma oportunidade para o Souleymane se explicar.*

*Professora 1: - Num Conselho Disciplinar não se fala. Os alunos ficam com medo. Paralisam.*

*F: - Deixem-me resumir. Souleymane vai ao Conselho Disciplinar, vai ser expulso e talvez tenha que voltar ao Mali.*

*Professor 2: - Tem alunos que são ameaçados com colégio interno, mas depois isso não acontece.*

*Professora 2: - Quase sempre nada acontece.*

Professor 3: - *Há pais que estão sempre ameaçando. Não podemos levar isso em conta.*

F: - *Mas se houver o mínimo risco de um Conselho Disciplinar poder mandá-lo de volta ao Mali, eu não quero correr esse risco.*

Professora 1: - *É como quando hesitamos em castigar um garoto, porque sabemos que quando for para casa, assim que a porta se fechar, ele vai levar uma surra dos pais. Nós soubemos de casos, mas não é por isso que deixamos de castigá-los quando passam dos limites. Sejam quais forem as conseqüências, não te dizem respeito.*

F: - *Como ignorar isso? Eu sei que o castigo pode ter essa conseqüência, mas fecho os olhos e não quero saber, é isso?*

Professor 1: - *Você não pode se envolver em todos os casos. Há a violência se serão mandados de volta. Certo, você tem que levar isso em conta, mas depois de algum tempo...*

Professora 2: - *Não há presentes de Natal. Isso acontece.*

Professor 3: *É uma questão de princípio. Cada um de nós tem o seu papel, não podemos substituir os pais.*

F: - *Desculpem, mas se rebobinar o filme é uma estranha cadeia de acontecimentos: começa com algumas represálias, porque o Souleymane se esquece do material e porque responde torto. A seguir começamos a castigá-lo. E depois, de castigo em castigo chegamos ao Conselho Disciplinar que não sabemos como vai acabar. Perdemos o controle.*

Professor 3: *Claro, vendo as coisas desse modo é muito chocante. Mas não é a escola que vai expulsar o Souleymane. Já não o controlamos há muito tempo.*

Nessa passagem, como já foi discutido anteriormente, François Marin demonstra um pensamento diferenciado com relação aos outros professores, um pensamento mais de alteridade e democrático, enquanto os outros professores se encontram identificados com um modelo de ensino conservador.

Porém, esse pensamento é abafado na medida em que não existe ninguém com quem Marin possa se identificar para defender sua forma de

pensar e realizar o ensino, não conseguindo sustentar aquilo em que acredita - nem um projeto educacional direcionado à Souleymane - sozinho.

Fica claro que não há nenhuma tentativa de repensar o método de ensino vigente naquela instituição escolar, nem em formular estratégias para alcançar Souleymane, antes de tomarem uma decisão definitiva.

Na fala do Professor 1 e na fala do professor 3 aparece a questão da impotência e da dificuldade em lidar com as atitudes do aluno em questão. Pensando no arquétipo do mestre/aprendiz, o corpo de professores, representando a escola, constelaram o arquétipo em sua forma negativa e estão arquetipicamente identificados com a polaridade mestre negativa, que representa os valores e conceitos rigidamente arraigados, sem possibilidade de mobilidade, modificação, pois o professor é detentor único do conhecimento e não possui mais o que aprender, principalmente com seus alunos. O corpo docente em questão está identificado com a polaridade mestre do arquétipo, em que a polaridade aprendiz não está constelada, encontra-se imersa na sombra, fazendo com que, dessa forma, não exista uma identificação com seus alunos em sala de aula, estabelecendo uma relação professor-aluno distanciada e extremamente hierárquica, em que o aluno é olhado como um objeto a ser preenchido, que nada tem a ensinar e o professor é visto como o detentor supremo do conhecimento que nada mais precisa aprender. Com a polaridade aprendiz na sombra, os professores acabam não identificando-se com essa imagem arquetípica, projetando-a em Souleymane em sua forma negativa, definindo-o como o jovem rebelde e imaturo que nada tem a acrescentar e a escola desistindo e definindo-se como impotente frente à situação, afirmando não possuir mais ferramentas para auxiliá-lo em suas questões.

Essa forma autoritária de relação dificulta a emergência do novo, da transformação, do professor olhar para si, reconhecer e assumir suas falhas, rever métodos de ensino, assim como em olhar o aluno em sua totalidade, como um outro diferente de si e de suas expectativas. Como cita François Marin, nessa dinâmica de impotência e culpabilização do aluno, os professores identificados com uma persona rígida, deixam de repensar sua prática e estratégias de ensino, depositando a responsabilidade da decisão sobre a vida de Souleymane no Conselho Disciplinar (em que a escolha a favor da expulsão

seria óbvia), abstendo-se, assim, da responsabilidade de rever métodos e práticas que, teoricamente, necessitam constantemente de reflexão, reformulação e transformação, na medida em que a sociedade, as famílias e os jovens estão em eterno processo de modificação.

### **Momento 7: Na sala do diretor**

François vai até a sala do diretor conversar com este, conforme diálogo que segue:

Diretor: - *Já tomou uma decisão?*

F: - *Acho que não tenho grande escolha.*

D: *A propósito, a Julie me contou que teve um bate boca com duas alunas da sua turma.*

F: - *Sim, com as delegadas de turma, mas foi antes...*

D: - *Aparentemente chamou-as de vagabundas.*

F: - *Podemos dizer que sim.*

D: - *Isso complica um pouco a situação, mas o problema mantém-se. Gostaria apenas que citasse isso em seu relatório. Não quero que isso seja utilizado contra nós no Conselho Disciplinar. Não vale a pena escondê-lo. É melhor que escreva.*

F: - *Compreendo.*

D: - *Gostaria que relesse isto antes de desencadearmos o procedimento.*

F: - *Então, só tenho que acrescentar...*

D: - *Sim, mas sem entrar em detalhes.*

Após o debate com os professores, François Marin foi à sala do diretor expor sua decisão. Aqui a ambivalência de Marin faz-se clara na medida em que sua decisão é oposta à reflexão levantada no Momento 6.

Entra novamente em questão o conflito existente entre o professor assumir e arcar com as conseqüências daquilo em que acredita, com o fato de necessitar manter a persona que a escola exige.

François não está confortável com a decisão que precisou tomar (de convocar o Conselho). A possibilidade deste desconforto está no fato do professor, ao invés de entrar em contato com o seu Self, consigo mesmo, acabar aceitando e identificando-se com a persona que lhe foi incumbida, a fim de pertencer àquele espaço profissional. Isso, como demonstra o filme, ocasiona confusão, sentimento de culpa e sofrimento por parte do professor que precisou abrir mão de si mesmo, para adequar-se às exigências sociais.

Outra questão importante nesta passagem é a hierarquia existente na relação professor-aluno. O professor é visto como detentor supremo do saber, não existe espaço de reconhecimento de suas falhas e dificuldades não só por parte do próprio, como da instituição escolar. No Momento 7 aparece o receio do professor ser descoberto em suas falhas pelo Conselho, mesmo que essas falhas sejam prejudiciais ao processo ensino-aprendizagem dos alunos; mais especificamente: mesmo que as questões não resolvidas, referentes ao professor Marin, prejudiquem a permanência de Souleymane na escola.

### **Momento 8: Expulsão do Souleymane**

Assim, inicia-se o Conselho Disciplinar. Souleymane vai acompanhado de sua mãe. O relatório que o professor Marin escreveu é lido como justificativa para a convocação do Conselho. Falam à mãe que seu filho não é mau, mas que tem tomado atitudes que dificultam o progresso da sala. Falam para Souleymane que ele não consegue controlar nem o que fala, nem o que faz. Este fica quieto, mesmo quando intimado a se manifestar, diz que não quer falar, para eles fazerem o que quiserem. A mãe o defende, dizendo que ele é um bom rapaz.

Questionam a presença do professor Marin no Conselho. O diretor defende falando que ele foi eleito representante dos professores, e que o incidente não o envolve diretamente. Continua o questionamento, falando que no relatório foram mencionadas palavras duras ditas pelo professor. François defende-se alegando que disse sim palavras duras que não foram direcionadas ao Souleymane.

F: - *Ele usou isso como pretexto para expressar seu mau humor naquele dia.*

Conselheiro: - *Ele as defendeu, isso tem que ser levado em conta.*

Professor: - *Não há nada que justifique desrespeitar o professor, insultar todo mundo e sair da sala sem permissão.*

D: - *Souleymane, tem algo a dizer?*

S: - *Não sei, o que é que posso dizer?*

A mãe do aluno intervém para desculpar-se por este. Os professores votam. Optam pela expulsão de Souleymane.

Primeiramente é importante frisar como em nenhum momento o fato de François Marin ter taxado Souleymane de limitado foi mencionado. O professor questionou a capacidade do aluno em aprender, ou ir além do aprendido, o que pode ser considerado um acontecimento tão grave quanto o aluno que perdeu o controle de seus comportamentos em sala de aula.

O adulto representa para o jovem os valores, crenças e conceitos arraigados, os quais o adolescente precisa questionar para poder definir seus próprios valores, crenças e conceitos, estabelecendo, assim, sua personalidade. Entretanto, não é só de enfrentamento que a relação jovem/adulto é permeada, como também de admiração e inspiração.

Se o professor é aquele em quem o aluno confia e se inspira como modelo de constituição de personalidade, e François Marin representou dignamente este modelo no Momento 2 para Souleymane, a partir do momento em que demonstra não crer na capacidade intelectual do jovem, justamente nessa fase de busca por uma personalidade clara e definida, desvalorizou o aluno, fazendo-o sentir-se desprovido de qualidades, incapaz, e à margem da sociedade.

Como a escola estava sentindo-se impotente frente ao Souleymane, e os professores estão rigidamente identificados com métodos de ensino tradicionais e antiquados, o fato de uma atitude do professor ter desencadeado reações graves em sala de aula é inconcebível, tanto que qualquer tentativa de trazer esse aspecto à tona é rapidamente abafada. Um exemplo disso é quando o conselheiro tenta compreender o lado de Souleymane, ressaltando a atitude do garoto em defender Esmeralda e Louise quando o professor Marin

as insultou. Ao invés de refletirem e debaterem acerca do fato, logo surge uma resposta definitiva, culpabilizando o aluno, que impede qualquer tentativa de questionamento e discussão a respeito.

Neste Momento aparece novamente o lugar de soberania em que o professor é colocado em relação ao aluno, em que não se admite que seja um ser humano possuidor de falhas e dificuldades, e que nem sempre consegue lidar com o enfrentamento adolescente.

## Capítulo 6. Discussão

O filme demonstra com clareza o funcionamento da dinâmica da relação professor-aluno adolescente em nossa sociedade atual, marcada por contradições e conflitos delicados.

A especificidade da fase adolescente é fielmente demonstrada pelo filme com todo seu enfrentamento, busca por uma identidade, necessidade de aprovação do outro e a caracterização de uma fase de não lugar social, em que, apesar de os jovens estarem esforçando-se para definir sua personalidade, sentem-se inúteis e desinteressantes justamente por não terem clareza do que são e do que pretendem ser, como aparece no Momento 1.

Como o indivíduo adolescente está em processo de busca e definição de sua personalidade, o olhar do outro se torna referência para que esta se solidifique. Se o olhar que o jovem recebe é negativo, é provável que sua autoestima também se forme pelo enfoque negativo, fazendo com que o mesmo possua sentimento de desvalorização. O olhar do professor não é o único, muito menos o mais importante que o jovem receberá, entretanto a escola é uma etapa crucial pela qual todo indivíduo passa, é o primeiro lugar onde o sujeito estabelecerá relações fora do círculo familiar. A relação professor-aluno se faz importante justamente por isso, além do professor ser aquele que simboliza os valores a serem questionados fora do âmbito familiar, servirá de modelo para o adolescente constituir sua personalidade.

A escola retratada pela película está identificada com uma persona rígida, o arquétipo mestre/aprendiz se encontra extremamente polarizado em sua forma negativa, demonstrando certa rigidez dos métodos e da expectativa direcionada aos alunos, em que o exemplo de bom aluno seria o Wey, aquele que realiza todas as atividades, não questiona, não se exalta, não conversa em sala de aula. Ao mesmo tempo o filme mostra que este aluno não conseguiu estabelecer relacionamentos com nenhum outro jovem da sala, passa horas em frente ao videogame, não sai com amigos e não forma vínculos com pares de iguais. Analisando esses fatos surge a questão: será que Wey, considerado o aluno ideal, seria de fato um jovem saudável e feliz, próximo de definir sua

personalidade? É esse isolamento que desejamos para o jovem que está buscando conhecer-se e conhecer o outro?

Nessa dinâmica de identificação com o estilo escolar conservador, o professor é considerado detentor soberano do saber, tanto que suas falhas não são vistas nem aceitas, ficando na sombra e sendo projetadas nos alunos, acarretando a culpabilização destes.

No caso de Souleymane, a escola o considera como o típico aluno-problema. Como demonstra o Conselho de Classe, destacam somente aquilo em que Souleymane erra, mas em nenhum momento foi mencionado o que o rapaz realizou de maneira satisfatória. Não houve tentativa de formular estratégias para entender e alcançar ao aluno, nem de repensar se os métodos vigentes estavam sendo eficazes para alcançar o objetivo de desenvolvimento integral do jovem. Quando a escola se encontra identificada com o modelo educacional rígido, arquetipicamente polarizada no arquétipo do mestre, pouco espaço sobra para o novo, a mudança, o diálogo, aquilo que o arquétipo do aprendiz poderia trazer se também estivesse constelado tanto na instituição, quanto nas pessoas que nela atuam. Os alunos, quando não incentivados em expor suas questões, também encontram-se polarizados no arquétipo do aprendiz, como ficou demonstrado no Momento 1. Quando solicitados a montarem seus autorretratos, não acreditaram que possuíam algo de interessante na vida para dizer, ou seja, também se sentiam como folhas de papel em branco esperando para serem preenchidas.

Marin foi o único que tentou e conseguiu (como demonstra o Momento 2) tirar Souleymane do lugar estigmatizado de mau aluno em que tanto ele quanto a escola o colocavam. Nos momentos em que o convocou a realizar as atividades e quando solicitou que montasse seu autorretrato com as fotos que havia tirado, valorizou o jovem e o incentivou a sair da identificação com a persona de mau aluno, a fim de buscar outras possibilidades de ser, ir ao encontro da descoberta e desenvolvimento de suas potencialidades. Ao mesmo tempo, professor Marin possui uma postura bastante ambígua, ficando entre o papel do professor rígido, que não admite falhas e é o único possuidor do conhecimento, e o papel do professor que promove o diálogo e a reflexão, dá voz e valoriza a opinião de seus alunos, revendo constantemente sua

prática, e aceitando que ele mesmo e seus alunos vivem uma dinâmica dialética de constante transformação.

A postura contraditória de François Marin frisa bem a idéia da importância do professor se conhecer, para poder retirar suas projeções e enxergar o aluno em sua subjetividade. O fato de a escola possuir uma ideologia mais conservadora também auxiliou no conflito de François entre alcançar as expectativas de seus colegas de profissão e da instituição e promover o processo ensino-aprendizagem e a relação professor-aluno de forma dialética, inserido num movimento de alteridade. A contradição apareceu de forma enfática no momento em que o professor taxou Souleymane de limitado, logo após ter confiado em sua capacidade de montar o autorretrato, demonstrando, assim, que François Marin caminha de um pólo ao outro do arquétipo mestre/aprendiz, sem de fato constelá-lo em sua totalidade dialética.

O fato de o professor François Marin ter a dificuldade em assumir suas falhas fez com que não enxergasse sua responsabilidade no descontrole de Souleymane em sala de aula. Esse episódio ocorreu depois do aluno descobrir que o professor havia duvidado de sua capacidade intelectual, ocasionando sentimento de desvalorização e revolta no rapaz

A escola e o professor acabaram desresponsabilizando-se do acontecido e do aluno, sem tentar compreender o porquê das atitudes do rapaz, expulsando-o.

A relação professor-aluno, no caso de François e Souleymane, iniciou de forma a auxiliar no processo de individuação do aluno, principalmente após o Momento 2. Porém, depois do episódio que culminou na expulsão de Souleymane, houve uma reviravolta nos fatos, em que o aluno voltou a se identificar com a persona, a sentir-se sem voz e incapaz, distanciando-o de desenvolver suas potencialidades e estabelecer uma personalidade bem estruturada.

No caso do processo de individuação de François Marin, a contradição em sua postura mostra que ele, ao invés de ir ao encontro do si-mesmo, está cada vez mais alienado deste, por não se conhecer, nem admitir seus ideais e assumir suas falhas.

Não pretendo aqui esgotar o tema, ou definir se houve ou não processo de individuação em ambos, pois este processo acontece ao longo da vida de

todos os indivíduos, mas a relação entre o professor e o aluno esboçou timidamente um auxílio no processo de individuação do aluno, demonstrado pelo Momento 2, em que Souleymane entrou em contato com uma potencialidade sua, logo em seguida abafada no momento em que o outro que o valorizava e inspirava duvidou de sua capacidade, promovendo, assim, uma baixa autoestima em Souleymane, fazendo com que retornasse à identificação com a persona de mau aluno. Como dito ao longo do trabalho, a identificação com a persona é prejudicial ao processo de individuação, pois dificulta o indivíduo no desenvolvimento de suas potencialidades verdadeiras que, continuando inconscientes, afastam o sujeito do Self, e conseqüentemente, o alienam de si-mesmo.

Essa regressão ficou clara quando o jovem foi convocado a se pronunciar no Conselho e resolveu não falar nada. Assim como a escola havia desistido dele, o aluno tomou esse olhar negativo para si, também desistindo de investir em si.

## Capítulo 7. Considerações Finais

Ao longo do trabalho, com o auxílio da bibliografia consultada e, posteriormente, da análise do filme, foi possível compreender qual o contexto atual de ensino, que concepções o permeiam, e quais métodos são mais utilizados.

A dinâmica do aluno adolescente em sala de aula foi um dos enfoques do trabalho, pensando em como o manejo com indivíduos dessa faixa etária torna-se complicado se os professores e a escola não estiverem preparados para lidar com as questões específicas da Crise da Adolescência.

Ficou clara a influência que o professor exerce no que tange à busca da personalidade pelo aluno adolescente e em como este serve como modelo e inspiração para o jovem definir com maior clareza e precisão aquilo que ele é.

O que permeia a relação professor-aluno, como demonstrado pela análise do filme, é a contradição entre professores e alunos entrarem num movimento mais dialético e de alteridade, ou continuarem a manter os papéis sociais designados para cada um: professor como detentor do saber; aluno como página em branco a ser preenchida. Os alunos estão muito identificados com métodos conservadores de ensino, assim como os professores, ensinando os conteúdos de forma expositiva, racional e sistemática, e esquecendo-se da subjetividade que permeia a sala de aula, ignorando que nem todos os alunos funcionam de forma racional, grande parte deles possui tipo psicológico diferente do pensamento extrovertido.

A pesquisa mostrou que quando a relação professor-aluno é dialética, democrática, em que o professor olha para o aluno como um outro, diferente de si, possuidor também de um saber e de uma capacidade de transmiti-lo, valorizando sua opinião e construindo o ambiente de ensino em conjunto, o processo ensino-aprendizagem flui de maneira mais prazerosa e assertiva, pois ambos, professor e aluno, estarão imbricados no processo de aprender e ensinar, sendo, paralelamente, protagonistas e coadjuvantes no processo ensino-aprendizagem.

Assim, a relação professor-aluno adolescente pode auxiliar o processo de individuação, principalmente quando o olhar para o jovem é positivo, ensinando-lhe os conhecimentos da cultura acumulada, bem como incentivando-o a entrar em contato com suas potencialidades e a descobrir o que gosta, o que não gosta, seus desejos, ideais, crenças, ou seja, a entrar em contato com aquilo que de fato é.

Porém, a relação dialética atualmente não é a realidade da maior parte das escolas. Estas, com seus métodos rígidos de ensino, acabam priorizando o ensino predominantemente racional e setorizado, em que as aulas são realizadas de forma expositiva, direcionadas a seres que não possuem nada a acrescentar, apenas a ouvir, abafando, dessa forma, as subjetividades presentes no processo educacional. As escolas com esse método de ensino não se adequam à realidade de vida do aluno na fase da adolescência, fazendo com que o aprendizado torne-se monótono e desprovido de sentido para o jovem, por estar demasiado distanciado de sua realidade, daquilo que vivencia. O aluno acaba por perder o interesse pelo ensino, e, muitas vezes, passa a não gostar e resistir a qualquer forma de aprender e estudar os conhecimentos e saberes coletivos. Se a escola distancia o jovem do conhecimento, ao invés de aproximá-lo, olhando-o como aquele que só tem a aprender, não a ensinar, aprender conteúdos passados de forma a não interessá-lo nem fazer sentido para este, dificulta o indivíduo em entrar em contato com suas potencialidades. A partir do momento em que a escola não incentiva os alunos a entrarem em contato com aquilo que eles são, torna-se uma etapa que não vai além de fazer com que o jovem adquira uma persona ao invés de desenvolver sua personalidade total, minando o mesmo na busca por si-mesmo, ou seja, estagnando seu processo de individuação.

Pensando em como algumas das instituições escolares brasileiras estão organizadas, é possível estabelecer uma aproximação entre O filme *Entre os Muros da Escola* e a realidade de muitas das nossas escolas, em que essas encontram-se num patamar similar à instituição educacional retratada pela película. Assim, torna-se plausível estabelecer a hipótese de que a relação professor-aluno adolescente da realidade brasileira encontra-se mais próxima da relação retratada no filme - cheia de contradições e conflitos que, em muitos casos, abafam o processo de individuação do aluno - do que de uma relação

em que a subjetividade de cada um é considerada em sua dialética e que tenha como foco o desenvolvimento das potencialidades de cada indivíduo dentro da escola, auxiliando, dessa forma, o processo de individuação do aluno adolescente.

## Referências Bibliográficas

AQUINO, Julio Groppa. *Confrontos na Sala de Aula: uma leitura institucional da relação professor-aluno*. São Paulo: Summus, 1996.160p. v. 42.

ARAÚJO, A. F. RIBEIRO, J.A.L.. Ética e valores na perspectiva junguiana. *Revista Educação: Jung pensa a educação*, São Paulo, n. 8, p. 50-57, 2008.

ATHIÉ, Eliana Braga Aloia. “Perto de um final feliz”: o cultivo da alma pelas imagens do cinema. *Revista Educação: Jung pensa a educação*, São Paulo, n. 8, p. 59-67, 2008.

BAETA, Anna Maria Bianchini. *Fracasso escolar: mito e realidade*. Disponível em: <[http://www.crmariocovas.sp.gov.br/amb\\_a.php?t=005](http://www.crmariocovas.sp.gov.br/amb_a.php?t=005)> Acesso em: 12.Jul.2009.

BYINGTON, Carlos Amadeu Botelho. *Pedagogia Simbólica: a construção amorosa do conhecimento de ser*. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1996. 333p.

ENTRE os muros da escola. Direção: Laurent Cantet. Roteiro: Robin Campillo, Laurent Cantet, François Bégaudeau. Produção: Caroline Benjo, Carole Scotta, Barbara Letellier, Simon Arnal. Intérpretes: François Bégaudeau, Nassim Amrabt, Laura Baquela, Cherif Bounaïdja, Juliette Demaille, Wei Huang, Franck Keïta, Justine Wu, Rachel Régulier, Esméralda Ouertani, Boubacar Touré. França: Haut et Court, France 2 Cinéma, Canal +, 2008. Distribuidora: Imovision.1 DVD (128 min).

FERNANDES, Priscila Valverde. *Fracasso escolar: Realidade ou produção?*. Revista Urutágua. N.6. 2004. Disponível em: <<http://www.urutagua.uem.br//006/06fernandes.htm>> Acesso em: 06.Jul.2009. Não paginado.

FREITAS, Laura Villares. Jung e a educação: um caleidoscópio. *Revista Educação: Jung pensa a educação*, São Paulo, n. 8, p. 68-75, 2008.

JUNG, Carl Gustav. O eu e o inconsciente. Ed. 21. Petrópolis: Vozes. 2008. 176p.

LIMA, Tânia Pessoa. Psicologia Junguiana na Educação: uma raridade. *Revista Educação: Jung pensa a educação*, São Paulo, n. 8, p. 76-85, 2008.

LOPES, Ruth Gelehrter da Costa. *Saúde na Velhice: As interpretações sociais e os reflexos no uso do medicamento*. São Paulo. Educ, 2000. 189p.

MEIRA, Michelle de Castro. *Fracasso escolar: De quem é a culpa?*. Ressignificando a Educação. 2002. Disponível em: <<http://www2.funedi.edu.br/revista/revista-eletronica3/artigo12-3.htm>> Acesso em: 12. Set. 2009. Não paginado.

MIGLIORINI, Walter José Martins. Entre o coletivo e o individual: sujeito e cultura em Jung. *Revista Educação: Jung pensa a educação*, São Paulo, n. 8, p. 31-49, 2008.

MOTTA, Arnaldo Alves da. Jung, homem e cientista: algumas influências para a formação da Psicologia Analítica. *Revista Educação: Jung pensa a educação*, São Paulo, n. 8, p. 6-17, 2008.

MUNHOZ, Tânia Leão Tagliari. *Sentimentos e emoções, no contexto escolar: um estudo com professores e bons alunos da 8ª série*. 2007. 139f. Dissertação de Mestrado em Psicologia da Educação. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2007.

ORTOLANO, Marcos Rogério. *O adolescente e seu pai: um olhar da psicologia analítica*. 2004. 60f. – Trabalho de Monografia em Psicologia Analítica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – COGEAE. 2004.

PALECKIS, Nida Maria. *Ser o que se é: processo de individuação*. 2002. 130f. Trabalho de Monografia em Psicologia Analítica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – COGEAE. 2002.

PEREIRA, Antonio Carlos Amador. *O Adolescente em Desenvolvimento*. São Paulo: Harbra, 2005. 155p.

RAMOS, Elisaine Rosseto. *Depressão na adolescência: um chamado para a existência*. 2002. 71f. Trabalho de Monografia em Psicologia Analítica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - COGEAE. 2002.

RATIER, Rodrigo. Entrevista Juan Casassus: o clima emocional é essencial para haver aprendizagem. *Revista Nova Escola*, São Paulo, n.218, p. 28-32, 2008.

SAIANI, Claudio. *Jung e a Educação: Uma análise da relação professor/aluno*. Ed. 3. São Paulo: Escrituras Editora, 2003. 210p.

SARGO, Claudete. *O Processo de aprendizagem e sua articulação com a dinâmica relacional entre pais e filhos: um estudo a partir da Psicologia Analítica*. 2000. 145f. Dissertação de Mestrado. Programa de Psicologia da Educação. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2000.

SILVEIRA, Nise da. *Jung Vida e Obra*. Ed. 20. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. 173p.

STEIN, Murray. O surgimento do si-mesmo (individuação). In: **Jung O Mapa da Alma: uma introdução**. São Paulo: Editora Cultrix. 1998. p. 153-175.

TADEU, Dimas. *Entre os Muros da Escola: realidade dramática ou drama real?* Disponível em: <<http://outeabout.wordpress.com/2009/03/16/entre-os-muros-da-escola-realidade-dramatica-ou-drama-real/>> Acesso em: 06. Set. 2009.

TEIXEIRA, Maria Cecília Sanchez. O “pensamento pedagógico” de Jung e suas implicações para a educação. *Revista Educação: Jung pensa a educação*, São Paulo, n. 8, p. 18-29, 2008.

THOMÉ, Melissa. *O que ajuda a aprender?: Características da relação entre professor e aluno segundo adolescentes*. 2001. 118f. Dissertação de Mestrado em Psicologia da Educação. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2001.

WAJMAN, Sergio. *O saber do adulto vai à escola: um convite à reflexão*. 2003. 247f. Dissertação de Mestrado em Psicologia da Educação. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2003.

WENTH, Renata Cunha. *Psicologia Analítica e Educação – Visão arquetípica da relação professor-aluno*. Disponível em: <<http://www.symbolon.com.br/artigos/psicoanalitica.htm>> Acesso em: 16.Mai.2009.

VON FRANZ, M.-L. O proceso de individuação. In: JUNG, Carl Gustav; VON FRANZ, M.-L.; HENDERSEON, Joseph L.; JACOBI, Jolande; JAFFÉ, Aniela. *O Homem e Seus Símbolos*. Ed. 5. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira S. A. 1964. 316p.